



Relações com Imprensa (11) 3094-6322
imprensa@gerdau.com.br
www.gerdau.com



Arquivo: Jornal do Brasil



Castelinho, em 1990, na sede do JB em Brasília

Cem anos de Castelinho

■ Há cem anos, no dia 25 de junho de 1920, nascia em Teresina (PI) **Carlos Castello Branco**, que viria a se transformar num dos mais importantes jornalistas da História do Brasil. O maior de todos, na Política, onde ditou regra e compasso, semeando discípulos e admiradores por todos os quadrantes do País.

► Para celebrar data tão relevante e personagem tão exuberante, **Jornalistas&Cia** preparou um

sinou por um período a famosa *Coluna do Castello*, no extinto **Jornal do Brasil**, que nos 30 anos em que foi publicada fez tremer o chão da política do País.

► Cristina é prata da casa, editora de **J&Cia** no Rio de Janeiro e companheira de trabalho desde o primeiro ano de nossa existência, 25 anos atrás. Ouviu, para o especial, os ex-presidentes **Fernando Henrique Cardoso**, **José Sarney** e **Luís Inácio Lula da Silva**, o ex-todo poderoso ministro da Fazenda **Delfim Netto**, e colegas consagrados que conviveram ou seguiram os passos de Castelinho: **Cícero Sandroni**, **Dora Kramer**, **Eliane Cantanhêde**, **Fernando Gabeira**, **Luiz Orlando Carneiro**, **Merval Pereira**, **Míriam Leitão** e **Ricardo Kotscho**.

► Confira a partir da pág. 3.



especial sobre os cem anos de Castelinho com curadoria de **Carlos Marchi** e reportagem de **Cristina Vaz de Carvalho**.

► Marchi, autor da ideia, é um estudioso de Castelinho, tendo inclusive escrito a biografia dele – *Todo aquele imenso mar de liberdade – A vida do jornalista Carlos Castello Branco* (Record, 2015). Também as-

Órgãos do governo Bolsonaro escondem informações públicas

■ A repórter **Marcella Fernandes**, do site **HuffPost Brasil**, fez um levantamento de todos os dados públicos retirados do ar pelos órgãos do governo Bolsonaro que envolvem temas como segurança, direitos humanos, gastos

do presidente e outros setores de saúde, além do número de mortos por coronavírus.

► “A Lei de Acesso à Informação (LAI), criada em 2011 com o objetivo de promover transparência nas ações envolvendo o poder público, também tem sido aplicada de maneira deturpada. O Executivo tem ampliado o entendimento sobre quais informações devem ser sigilosas. Por duas vezes, desde o início do governo, também tentou alterar a legislação por medida provisória”, destaca **Marcella** na reportagem.

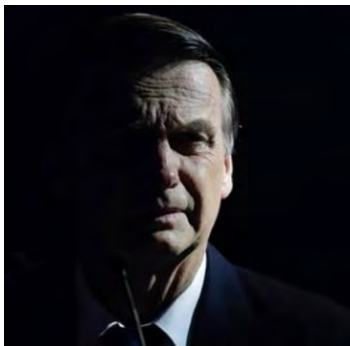
► Esta destaca, entre outras, a ocultação do número acumulado de óbitos e de casos confirmados

de Covid-19 no Portal da Transparência em 5 de junho. Vale destacar que o site, que também cede informações sobre orçamento público, gastos com cartões corporativos e imóveis funcionais, recursos de emendas parlamentares, programas do governo, além de permitir o acesso a licitações e contratos feitos por órgãos públicos, apresentou instabilidade e chegou até a sair do ar.

► **Marcella** lembra que informações relevantes sobre a questão racial no País também foram ocultadas. Ela destaca a pesquisa *Vigitel Brasil 2018 População Negra*:

vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico, que foi tirada do ar.

► [Leia a reportagem na íntegra.](#)



Racismo na Copa de 1958 é tema em live de estreia do Portal dos Jornalistas

■ O Brasil celebra na próxima segunda-feira (29/6) os 62 anos de seu primeiro título mundial de futebol. Em campo, uma geração marcada pela genialidade de Didi e Garrincha, pelo surgimento de Pelé, mas também pela desconfiança e preconceito aos atletas negros. A história e os bastidores dessa conquista são retratadas em *Campeões da Raça – Os heróis negros da Copa de 1958*, de **Fábio Mendes**. Para marcar a estreia do novo formato de lives do Portal dos Jornalistas, o editor **Fernando Soares** conversará com o autor, às 16h, no dia em que a data é lembrada. A transmissão estará disponível nas plataformas do Portal dos Jornalistas em [Instagram](#), [Facebook](#) e [Youtube](#).

Eles enfrentaram muitos adversários, inclusive o preconceito de uma geração

Há 62 anos o Brasil conquistava sua primeira Copa do Mundo, mas nos bastidores nenhum adversário era mais impiedoso que o racismo

Live com **Fábio Mendes**, autor de

Campeões da Raça
Os heróis negros da Copa de 1958

portal dos **Jornalistas**

SEGUNDA • 29/6 • 16h

COMUNICAÇÃO INTERNA



CONTEÚDO



DIGITAL



RELAÇÕES
COM A MÍDIA



VÍDEOS



GESTÃO
DE CRISE



CONSULTORIA
ESTRATÉGICA



**CUIDAR DE
REPUTAÇÕES É A
NOSSA CAUSA.**

2PRO
comunicação

www.2pro.com.br  2PRÓ Comunicação



O pai de todos

João do Vale, o inesquecível autor de *Carcará*, compôs uma canção que ganhou por título *De Teresina a São Luís*. Contava: *"Peguei o trem em Teresina/pra São Luís do Maranhão/atravessei o Parnaíba/ai, ai, que dor no coração/o trem danou-se naquelas brenhas/comendo lenha e soltando brasas/tanto queima como atrasa/tanto queima como atrasa"*.

Assim foi, para João do Vale, a busca do sul-maravilha, repetindo, exatos dez anos depois, a partida idêntica do menino Carlos Castello Branco, que tinha 17 anos incompletos ao descer o Brasil de trem e Ita, para estudar em Belo Horizonte. Por que em Belo Horizonte, e não no Rio de Janeiro, para onde em geral iam os nordestinos em busca do ouro? Porque seu pai achou que o Rio era o berço do mundanismo.

Em Minas, aconteceria uma epifania – em poucos anos, o menino piauiense reformaria o arcabouço cultural e moral que trouxera do Nordeste, e se transformaria num mineiro autêntico. O novo molde político foi liberal, um pouco de UDN, muito de PSD. Sairia de Minas para o Rio e para Brasília, mas Minas nunca mais sairia dele.

Basicamente, Castelinho viveu em quatro cidades –

Teresina, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Brasília. Nelas encontrou a essência da política que precisava para forjar suas análises e orientar os brasileiros no caminho da democracia e das liberdades. Fez amigos a vida inteira, mas os mais apertados amigos sempre foram os mineiros.

Nem a imensa influência que passou a ter sobre o jornalismo político nacional e nem mesmo sua eleição para a Academia Brasileira de Letras lhe garantiu assento na posteridade. Quando fui ao programa de Jô Soares para falar sobre o livro *Todo aquele imenso mar de liberdade*, a biografia de Castelinho, o entrevistador mencionou que, naquela noite, assistia ao programa uma turma de Comunicação de uma faculdade menor. Rapazes e moças acenaram do fundo da plateia. Perguntei a eles quem sabia alguma coisa de Castelinho – retornou de lá um assustador silêncio.

Por essas e outras, cabe alardear o centenário de Castelinho e festejar com fogos de artifício a passagem da data. Porque ele é uma referência para o Jornalismo brasileiro – e principalmente para o Jornalismo Político. Não nos esqueçamos nunca de suas lições. Ele é o pai de todos.

Carlos Marchi



SAMSUNG

amil

Um jornalista único

Houve dois Castelinhos. O de antes, alegre, notívago, capaz de tomar muitas xícaras de café durante as noites; e o de depois, circunspecto, entristecido, sensível e capaz de tomar todos os tragos que encontrasse à sua frente. Nos dois, uma qualidade nunca mudou: a capacidade de escrever diariamente a coluna política que, na página 2 do Jornal do Brasil, atravessou regimes e governos, ditaduras e governos democráticos e, cruzando-os, serviu de farol para a inteligência brasileira.

No meio dos dois, a tragédia. Em 2 de maio de 1976, o primogênito Rodrigo, um menino alegre e brilhante, sofreu um acidente inexplicável a caminho do aeroporto de Brasília e morreu. Um acidente que pareceria comum, não fosse a comprometedor sequência sinistra que o envolvia: a estilista Zuzu Angel, mãe de Stuart Angel Jones, morreu da mesma forma apenas dezoito dias antes; e Juscelino Kubitschek, amigo querido de Castelinho, identicamente, três meses depois.

Castelinho passou a conviver com a dúvida. Tempos depois, numa conversa muito franca, no Hotel Claridge, em Paris, João Goulart tentou convencê-lo a investigar a morte de Rodrigo. Castelinho continuou mergulhado na dúvida, alimentada pela certeza de que nunca conseguiria provar aquele suposto assassinato; além disso, se se embrenhasse numa apuração furiosa, impregnaria sua carreira e seria chamado de parcial. Entrementes, optou por beber em catadupas para mitigar a dor, enquanto seguia em frente.

Seu conteúdo girava em torno de sua crença pessoal, o liberalismo, acondicionado em embalagem de mineiridade; interpretava sem parecer que fosse uma interpretação, desafiando um processo paulatino, com uma suave delicadeza na sequência de argumentos. Suas fontes estavam sempre no centro, mais equilibradas e longevas. Para ele, radicais davam boas manchetes, mas não erigiam a História. Seus grandes personagens foram quase todos mineiros – Tancredo Neves, Afonso Arinos, Israel Pinheiro, Juscelino Kubitschek, José Aparecido, Milton Campos; seus amigos do peito eram a revelação de Minas – Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Hélio Pellegrino, Autran Dourado.

Foram 30 anos emprestando sua grife ao JB. Nesse tempo, a convivência com Nascimento Britto trombou com muitos solavancos. Uma vez Britto lhe definiu parâmetros: "Aqui no JB, não se pode escrever contra Delfim Netto, contra a Igreja e contra a iniciativa privada". Mais adiante, no correr do governo Medici, o compromisso se alargou – o jornal havia negociado um apoio explícito e fechado ao governo ditatorial. E Castelinho não entrava nessas negociatas.

Muitas reclamações depois, Britto lhe pediu que parasse de escrever sobre política. Castelinho até tentou, mas logo escreveu a Britto: "(...)

Como jornalista, Castelinho foi único. Juntava qualidades singulares – ser cirúrgico, sem ser nunca temerário; ser resolutivo, sem nunca ousar; destilava paciência, sem precipitações. Tinha uma memória extraordinária – em conversas e entrevistas, nunca fazia anotações. Por tudo isso, em suas 7.446 colunas, entre janeiro de 1963 e abril de 1993, lidas sofregamente todos esses anos pela inteligência brasileira – era lendo a *Coluna do Castello* no *Jornal do Brasil* que se conhecia o que de fato acontecia na República – , atravessou regimes e governos.

Reunia, como disse, um conjunto muito seletivo de atributos. Em primeiro lugar, a acurácia no apurar, buscando as fontes mais seguras. Em segundo, ganhou, ao longo dos anos, a absoluta confiança de suas fontes. Em terceiro, não fugia das verdades incômodas. Em quarto, escrevia um texto direto e elegante que não iludia o leitor, listava informações para permitir que entendesse o processo. Em quinto, sua memória elástica permitia nunca anotar conversas e entrevistas, o que transmitia confiança.



Pompeu de Souza e Castello em Brasília, 1967

Quero confessar que me parece extremamente difícil, senão impossível, continuar a escrever uma coluna política sem tratar de política ou tratando-a de modo tão condicionado que é o mesmo que não tratar". Ao fim, comunicou que pararia de escrever a coluna.

Foi este, em 1971, o momento extremo em que o copo quase entornou. Escreveu a Britto e ligou para seu amigo Fernando Pedreira, diretor de Redação do Estadão, pedindo que sondasse Júlio de Mesquita Neto, o dono do jornal, para descobrir se ele seria bem aceito. No dia seguinte Pedreira ligou: "É só chegar e começar a trabalhar". Mas nos dias subsequentes Britto recuou, temeroso de perder sua maior grife; sem Castelinho, não haveria um JB inteiro, seria um JB manco.

Nada disso, no entanto, o fez perder a lucidez absoluta ao escrever. Após a crise com Britto, ele moderaria o tom um pouco mais. E conquistaria a admiração do ditador. Em entrevista para *Todo aquele imenso mar de liberdade*, a biografia de Castelinho, que escrevi, Roberto Medici me disse que a *Coluna do Castello* era a primeira leitura diária de seu pai. E quando viajou aos EUA Medici fez questão de convidar Castelinho para integrar sua comitiva e o apresentou a Richard Nixon como "o mais importante jornalista brasileiro". De crise em crise, Castelinho continuaria no JB até morrer.

(CM)

Carlos Castello Branco – Linha do tempo

1920 Nasce no Piauí, em Teresina, no dia 25 de junho. Filho de Cristino Castello Branco e Dulcila Santanna Castello Branco

1934 Lança com Neiva Moreira e Abdias Silva o jornalzinho A Mocidade

1937 Vai para Minas Gerais cursar Direito em Belo Horizonte, aproveitando a viagem para conhecer o Rio de Janeiro

1939 Começa a trabalhar no jornal Estado de Minas, como repórter de polícia

1943 Forma-se em Direito pela Universidade de Minas Gerais

1945 Transfere-se para a Capital Federal. Começa a trabalhar em O Jornal, permanecendo nos Diários Associados até 1960

1948 – Casa-se com Elvia Lordello de Melo, no dia 11 de dezembro

1950 Chefe de reportagem política do Diário Carioca, no Rio, onde publicou a coluna assinada Diário de um Repórter



SAMSUNG

amil

As tragédias e a paz dos sábios

Quando soube da morte de Rodrigo, o primeiro movimento de Juscelino não foi ligar para Castelinho. Delicado, sensível, conhecedor das emoções humanas, o ex-presidente ligou primeiro para Vera Brant, empresária do ramo imobiliário em Brasília, sua amiga e de Castelinho. Contou-lhe que, em sua última ida à Fazendinha JK, em Luziânia, tinha passado o dia com a família Castello Branco; lembrava bem que ficara encantado com Rodrigo e disse a Castelinho na saída: "Seu filho é um encanto. É um jovem inteligente, muito promissor".

Agora, ante a notícia terrível, não tinha ânimo de ligar para o amigo. Na semana seguinte foi a Brasília e mandou convite para que Castelinho, sua mulher Elvia e os filhos Pedro e Luciana passassem o dia com ele e dona Sarah, na fazenda. No correr do dia, Juscelino e dona Sarah se desdobraram para não deixar a conversa pegar um atalho triste; contavam casos curiosos, procuravam discretamente fazer graça, e o máximo que conseguiam era arrancar sorrisos tristes dos dois. Pouco mais de dois meses depois, perceberiam que aquele encontro na fazenda fora também a despedida do amigo JK.

Castelinho e Carlos Drummond



Com Elvia, Rodrigo, Luciana e Pedro-1963

Mas depois disso os dois nunca mais se falaram. Em 1954, quando lançou *Fazendeiro do Ar*, Drummond mandou um exemplar autografado para Castelinho: "A Castello, num intervalo cordial do nosso tradicional desentendimento". Castelinho não agradeceu. Tempos depois, foi a uma home-

nagem a Manuel Bandeira; ao entrar, Bandeira, que estava conversando... com Drummond, acenou de longe, chamando-o. Não teve jeito. Castelinho deu a mão a Bandeira e não a estendeu a Drummond nem vice-versa. Encafifado, Bandeira perguntou se os dois se conheciam; aí eles se apertaram as mãos, sem trocar nenhuma palavra.

Dois dias após o sepultamento de Rodrigo, um Castelinho arrasado repassava, em companhia de Vera Brant, as mensagens de condolências recebidas. Do nada, Castelinho começou a contar a Vera a briga de 1947 e o reencontro hostil, na festa de Bandeira. Folheando papéis, Vera começou a procurar a mensagem de Drummond. Castelinho disse: "Não tem mensagem nenhuma do Carlos. Ele ainda está brigado comigo". E o mais curioso é que os dois tinham colunas prestigiadas no mesmo JB.

À noite, depois que Castelinho foi embora, Vera ligou para Drummond, contando que Castelinho sentira falta de uma carta dele. O poeta sentou-se à máquina de escrever e batucou um texto

de Andrade brigaram quando eram jovens. Em 1947, Castelinho foi a Belo Horizonte cobrir, para O Jornal, o *II Congresso Brasileiro de Escritores*. A marca dos congressos de escritores, à época, era o enfrentamento entre os comunistas e os não comunistas. Naquele ano, Drummond tinha já publicado *Sentimento do Mundo* e *A Rosa do Povo*, e era um poeta consagrado.

Mas raramente se alinhava com os comunistas, em especial quando estes insistiam em anexar lugares-comuns ideológicos aos manifestos. E ao final daquele congresso foi justamente Drummond quem resistiu, noite após noite, à insistência dos comunistas em ideologizar o manifesto. Na matéria que escreveu para O Jornal, Castelinho disse: "O poeta empacou" – no sentido de travar a aprovação do manifesto e resistir ao assédio dos comunistas.

Quando leu, Drummond ficou possesso. Castelinho soube e escreveu-lhe para tentar apaziguar a situação; contou-lhe que o informante que lhe contou o episódio usara exatamente a palavra "empacar": "(...) que me pareceu apropriada para exprimir a obstinação, que infelizmente é uma tradicional qualidade do burro". Drummond pareceu aceitar e escreveu uma carta bem-humorada a Castelinho: "Tenho certeza de que, se você me conhecesse mais de perto, você julgaria inútil a explicação de sua carta".

amoroso: "Triste é também que, ao me aproximar de você, como agora o faço, o motivo seja desta ordem, quando poderia ser festivo ou ocasional. Não quero, entretanto, que perdure em seu espírito a menor dúvida sobre a minha reação ante o fato que o acabou. Nada posso dizer ou fazer no sentido de induzi-lo a um estado de conformidade e aceitação do inelutável".

Nessa troca afetiva de gigantes, Castelinho responderia à carta sete anos depois, em 1982, em tom solene, quando o Brasil inteiro festejava os 80 anos de seu poeta maior. Usou sua coluna – o que só fazia em ocasiões muito especiais – para escrever um texto amoroso. Contou tudo, desde o episódio do *Congresso de Escritores* de 1947. Quase ao final, reverenciou-o como "mestre" e cravou-o como "o maior poeta brasileiro".

Desta vez Drummond respondeu de bate-pronto, num cartão que enviou a Castelinho: "Valeu a pena fazer 80 anos para quebrar com você a flecha da paz – uma flecha muito divertida porque nunca estivemos em guerra, apenas levemente amuados, e se o amuo durou foi porque, um em Brasília, outro no Rio, a gente não conseguia encontrar-se numa esquina para curtir um chope. Agora está tudo luminoso e feliz para mim; seu generoso artigo foi a surpresa mais gostosa do octogenário. E é de coração para coração que agradeço a bela dádiva de sentimento. Obrigado, Castelinho!".

Assim, com esta troca amorosa de admirações, os dois celebraram na velhice a sereníssima paz dos sábios.

(CM)



Carlos Castello Branco – Linha do tempo

1953 Editor-chefe da *Tribuna da Imprensa*; depois ingressa na revista *O Cruzeiro*, como cronista político

1960 É editor político de *O Cruzeiro* e do *Diário Carioca*

1961 Assume o cargo de secretário de Imprensa do presidente Jânio Quadros. Muda-se para Brasília

1962 Inicia a *Coluna do Castello* na *Tribuna da Imprensa* (julho a dezembro); chefia a sucursal

do *Jornal do Brasil* em Brasília até 1972

1963 Publica em 3 de janeiro, pela primeira vez no *Jornal do Brasil*, a *Coluna do Castello*

1968 Durante o AI-5, em 13 de dezembro, é preso e levado para a Polícia do Exército, em Brasília

1977 Eleito presidente do Sindicato dos Jornalistas de Brasília, exerce o cargo até 1981

A história e a História

Por **Cristina Vaz de Carvalho**

A história de Carlos Castello Branco confunde-se com a História do Brasil, que ele tão bem descreveu. A *Coluna do Castello* nasceu em janeiro de 1963, e foram quase 7,5 mil textos publicados até o fim de sua vida, em 1993. Durante esses 30 anos, ele acompanhou a Política brasileira – com P maiúsculo – e a interpretou para seus leitores, no jornal e nos livros.

Jornalistas&Cia procurou políticos e jornalistas que com ele conviveram e generosamente dispuseram-se a dar seus depoimentos. São pessoas que também fazem parte da História do Brasil. Nosso leitor

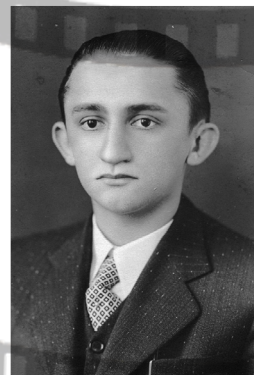
tem aqui fragmentos de suas histórias com Castello, divididos por temas. Para comunicar às novas gerações quem foi Carlos Castello Branco, tivemos a honra e o privilégio de contar com os políticos **Antônio Delfim Netto, Fernando Henrique Cardoso, José Sarney e Luiz Inácio Lula da Silva**, e os jornalistas **Cícero Sandroni, Dora Kramer, Eliane Cantanhêde, Fernando Gabeira, Luiz Orlando Carneiro, Merval Pereira, Miriam Leitão e Ricardo Kotscho**.



Amigos

A influência dele fazia-se notar, conta o ex-presidente José Sarney: "Quando cheguei ao Rio de Janeiro, em 1955, como suplente de deputado federal, Castelinho já fazia parte dos jornalistas que estavam reformando a imprensa brasileira. Logo nos ligamos por amigos comuns, como Odylo Costa, filho. Fizemos parte de um grupo que se formou na UDN em torno de Magalhães Pinto. Iniciei, com Ferro Costa e Edilson Távora, um movimento renovador dentro do partido e Castelinho batizou-o *Movimento da Bossa Nova da UDN*, nome que pegou. Logo depois fomos pioneiros

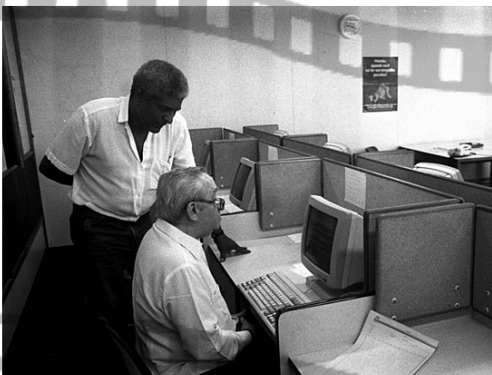
em Brasília, eu como deputado e ele como secretário de Imprensa do Jânio Quadros. Nossa amizade só se estreitou ao longo dos anos, estendendo-se a nossas mulheres, Marly e Élvia, e a nossos filhos. O Carlos Marchi, que escreveu uma importante biografia do Castelinho, disse que, quando começou a pesquisar para o livro, pensava que o maior amigo dele era o José Aparecido. Quando terminou o livro, estava convencido de que era eu. E realmente, sem querer disputar com o Aparecido ou com os muitos outros amigos dele, sei que tivemos uma amizade muito intensa, das maiores de minha vida".



Castelinho em 1937, quando chegou a BH



Casamento, 11/12/1948



Aprendendo a usar o computador-JB, 1990



Com Severo Gomes, 1980 (Foto Luciana Castello Branco)

Citado por alguns entrevistados como quem viria a ser o melhor amigo de Castello, Luiz Orlando Carneiro lembra como o conheceu: "Em primeiro lugar, anoto que Castelinho era quase 20 anos mais velho do que eu. Por coincidência, em 1956, no Rio, quando eu tinha ainda menos de 18 anos, a minha família mudou-se da Tijuca para o Leblon, rua General Venâncio Flores, ali perto do canal da Visconde de Albuquerque. Conheci então um vizinho baixote, caladão, aparentemente sempre apressado, nas subidas e descidas do elevador do edifício de quatro andares, um dos primeiros de pilotis no Leblon. Soube então que ele era jornalista político muito conhecido, e que trabalhava no Diário Carioca".

No final dos anos 1950, reuniam-se no Rio de Janeiro os jornalistas

de política. "Uma turma da antiga", como a define Cícero Sandroni, na qual Castello era o mais jovem. Foi dessa turma que José Aparecido de Oliveira, secretário particular do presidente recém-eleito Jânio Quadros, pinçou Carlos Castello Branco para ser o secretário de Imprensa da Presidência. "Quando fomos para Brasília, tivemos um bom contato. Morávamos no Hotel Brasília, com o José Aparecido, e todo dia eu precisava acordar os dois para irmos para o Planalto", prossegue Sandroni. E este chegou a ouvir de um Castello desiludido com a renúncia de Jânio – em 1961, ainda no primeiro ano de mandato – que não queria mais o jornalismo. Mas ele não saiu de Brasília e foi chefiar a sucursal do Jornal do Brasil. Logo depois, nasceu a *Coluna do Castello*.

Carlos Castello Branco – Linha do tempo

1978 Recebe, nos Estados Unidos, o prêmio *Maria Moors Cabot*, pela Universidade de Columbia, Nova York, destinado aos jornalistas notáveis das Américas

Academia Brasileira de Letras em 4 de novembro.

Piauiense de Letras, sendo recebido em 26 de setembro. Ocupou a Cadeira nº 15, sucedendo ao pai, Cristiano Castello Branco

1993 Publica sua última coluna no JB em 20 de maio. Morre no dia 1º de junho no Rio de Janeiro. Seu corpo é velado na Academia Brasileira de Letras e sepultado no Mausoléu da ABL no cemitério São João Batista

1982 Eleito para ocupar a cadeira nº 34 da

1983 Posse, em 25 de maio, na Academia Brasileira de Letras

1990 Posse no Pen Club do Brasil, Rio de Janeiro

1984 Eleito para Academia



SAMSUNG

amil

Dirigente sindical

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva fala do papel de Castello na luta sindical: "Conheci Castelinho na década de 1970, quando eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e fui a Brasília apoiar a campanha dele para presidente do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal. Eu já o admirava como grande analista político e a admiração cresceu ao vê-lo emprestar seu prestígio de jornalista consagrado para abrir caminho a uma nova e aguerrida geração de sindicalistas. O exemplo do Castelinho estimulou companheiros como Freitas Neto, em Alagoas, Caó, no Rio, Dídimo Paiva e Washington Melo, em Minas Gerais, que também foram presidentes de sindicatos de jornalistas".

E relembra: "Uma época difícil, ainda não tinha sido reconquistada a democracia, mas um período em que as pessoas tinham orgulho de serem reconhecidas como trabalhadores, era uma palavra tão prestigiada que professor era trabalhador do ensino, advogado trabalhador do direito, e jornalista trabalhador de imprensa. A época da reconstrução da democracia brasileira, da abertura, que hoje as pessoas, justamente por terem suas liberdades ameaçadas, estão voltando a valorizar".

A consolidação da coluna

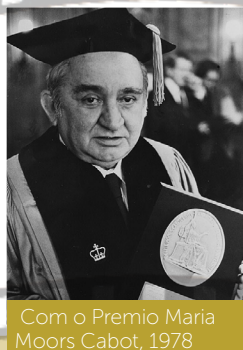
Fernando Gabeira conta que foram contemporâneos no Jornal do Brasil na década de 1960: "Mas tive pouco contato pessoal com ele. Na verdade, na época, talvez por pretensão juvenil, achava suas análises um pouco rebuscadas. Ele sabia como fazer passar sua mensagem com credibilidade e eficácia. Minha visão do governo militar era mais direta e agressiva. Mas apesar dessas nuances, Castelinho era estimado por todos, uma figura singular, um ícone do jornalismo político no Brasil".

Merval Pereira tem lembrança desse tempo: "Conheci Castelinho em Brasília, da primeira vez em que morei lá, em 1974. Ele já morava lá havia algum tempo, e fui procurá-lo por recomendação do Evandro Carlos de Andrade, de quem era muito amigo desde que trabalharam juntos no Diário Carioca".

Castello manteve a coluna e foi sucedido, como diretor regional do JB em Brasília, em 1979, por Luiz Orlando Carneiro, o LO, como ficou conhecido. "Na antiga sucursal do JB – que ocupava um andar inteiro no Setor Comercial Sul de Brasília – eu tinha a minha sala e Castelinho a dele, uma do lado da outra", conta LO. "Ele chegava sempre por volta das 9 horas. Diariamente fazia as palavras cruzadas



Premio Maria Moors Cabot-1978



Com o Premio Maria Moors Cabot, 1978



Posse na ABL, com Tancredo, Hugo Napoleão, Sarney e Marco Antonio Villaca



Com Janio Quadros, Brasília, 1961

do JB, lia rapidamente os jornais, e depois escrevia a coluna, também muito rapidamente (e sem usar todos os dedos!). Como ele era muito mais um notável analista político do que um repórter político ou um simples comentarista, titular já consagrado da *Coluna do Castello*, não se preocupava em apurar notícias. Nem ficava telefonando para políticos ou autoridades para checar boatos ou obter furos. Com o prestígio que tinha, eram os políticos e as autoridades que ligavam para ele. Além do mais, pelo que me lembro, não tinha um caderninho de notas. Até porque não tomava notas".

A liberdade de expressão

O alinhamento de Castello com a liberdade de imprensa era decidido, mas sutil. Sua presença foi pouco visível nas lutas pela afirmação da liberdade de informação, de opinião e de expressão.

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso lembra que "nunca foi do jeito dele 'ser espalhafatoso'. Não precisava: como quem não queria nada, deixava à vista seu apego à liberdade. Principalmente a da imprensa, que era o ar no qual respirava".

Sarney vai além: "Com o regime militar, os jornais sob censura, ficou muito difícil fazer a análise política. Castello criou então a fórmula admirável, que ninguém conseguia fazer como ele: fazer a análise sem um comentário, pelo simples encadeamento dos fatos. E assim tornou-se o porta-voz da democracia. Quando o Congresso esteve fechado por dez meses, depois do AI-5, Castelinho não deixou passar um só dia sem falar do Congresso, anunciando sua volta, dizendo da

sua importância como a maior das instituições liberais e substituindo o silêncio das tribunas parlamentares pela inteligência de sua tribuna jornalística. O Poder Legislativo tem para com esse jornalista, ainda não resgatada, uma grande dívida. Ele foi o Congresso quando o Congresso não era. Usando sua coluna como uma tribuna parlamentar, exerceu uma enorme influência, tornando-se um dos líderes do pensamento político no Brasil, de certa maneira a consciência da política nacional".

Gabeira opina: "Carlos Castello Branco conviveu com mais de uma dezena de presidentes, atravessou toda a ditadura militar trabalhando e defendendo suas ideias liberais, no sentido de ideias democráticas que não coincidiam com a supressão da liberdade de expressão, ou qualquer tipo de censura. Era também um crítico da perspectiva liberal, tal como a conhecemos hoje, que privilegia apenas o crescimento econômico e subestima a melhoria das condições reais dos trabalhadores. Ele repetia muito a frase de um presidente da República, Emílio Garrastazu Médici: a nação vai bem, mas o povo vai mal. Transformou essa frase de um general numa arma para criticar o próprio regime. Apesar de sua visão crítica, dialogava com os presidentes militares, às vezes através dos seus assessores de imprensa. Creio que nunca ocupou espaço de frente nas lutas democráticas porque considerava seu trabalho muito importante e queria, de certa forma, manter a todo custo a aura de imparcialidade, e também não queria destruir as pontes com o governo, pois o diálogo, ainda que para fortalecer suas críticas, era importante como matéria-prima dos seus artigos".

Diz Merval Pereira: "A fase de ouro de Carlos Castello Branco como colunista político foram os anos da ditadura militar, quando, como ele mesmo dizia, o Congresso praticamente funcionava através de sua coluna. Mas, para tanto, ele já trazia uma bagagem extensa na crônica política, e foi sua respeitabilidade que permitiu que, durante a ditadura, pudesse exercer o papel de grande interlocutor político. Foi um momento extremamente difícil para o jornalismo, Castelinho foi preso algumas vezes. Ganhou um papel histórico pela resistência através do jornalismo em tempos de censura e cerceamento da livre expressão. Desde que comecei a escrever a coluna, em 2003, no governo Lula, nunca fui impedido de escrever sobre o que quer que fosse, embora tanto nos anos petistas quanto agora, no bolsonarismo, as ameaças das militâncias fossem e são constantes. Mas são momentos diferentes".

Eliane Cantanhêde reforça: "Castello participou com inteligência e pragmatismo da resistência à ditadura e ao autoritarismo, deixando clara sua posição democrática sem arroubos estereis e provocações inúteis. E, na hora certa, aceitou o que parecia fora de cogitação: a Presidência do Sindicato dos Jornalistas do DF, para realçar a essência democrática do jornalismo. Lavou nossa alma!".

E Luiz Orlando conclui: "Cito aqui passagem de um artigo que

escrevi 15 anos depois de sua morte, no JB (1/6/2008): 'Foi um período em que se tinha de ler, com muita atenção, não só as linhas, mas também as entrelinhas da *Coluna do Castello*.'

As entrelinhas eram tão incômodas para o regime que Castello não escapou da prisão, tendo como companheiros de cela Otacílio Lopes e Sobral Pinto'. Aliás, em 1978, Castelinho foi premiado – como jornalista dedicado à causa da democracia e da liberdade de expressão – com o *Prêmio Maria Moors Cabot*, da Universidade de Columbia".



O estilo que o levou à Academia

Formado em Direito em 1943, Castello imediatamente começou no Jornalismo e, no final daquela década, optou pelo jornalismo político, o que viria a consagrá-lo. Mas não foi apenas em jornal que veiculou seus pontos de vista – opiniões que permaneceram. O texto primoroso levou-o à Academia Brasileira de Letras em 1982. Os primeiros livros, um de contos e um romance, não tiveram a repercussão dos que hoje chamamos de livros-reportagem: *Introdução à Revolução de 1964*, em dois volumes (1975); *Os militares no poder*, em quatro volumes (1977, 78, 80 e 81); *Retratos e fatos da história recente* (1994, reeditado em 96), e *A renúncia de Jânio* (1996).



Com o general Costa e Silva, 1967



Posse na ABL, 1983



Sarney e Castelinho, 1983

José Sarney vê a obra dele pela ótica do historiador: "É preciso lembrar que Castelinho era um grande escritor – a quem tive, aliás, o privilégio de receber na Academia Brasileira de Letras. Foi o grande historiador daquele período que cobriu com sua coluna política. Sua obra permanece e permanecerá, pois ela ultrapassa o lado efêmero da crônica para permanecer como registro essencial, fonte primária de nossa História. No século XIX e começo do século XX discutia-se se o jornalismo era um gênero literário. Com Tobias Monteiro, historiador que foi esporádico frequentador de jornais, começamos a sentir a preocupação pelo fato, pela necessidade de transmitir-se a verdade, sem enfeites, e de analisar esses fatos, deles tirando conclusões que não se destinavam a convencer ninguém. Carlos Castello Branco, pelo estilo despojado e conciso, enxuto, fez também literatura. Mas, no fundo, foi o repórter e somente o repórter. Seu legado literário não se limita ao romance *Arco do Triunfo*, mas é constituído também pelas páginas de sua coluna, obra monumental. Como Balzac construiu o panorama da França na transição para o século XIX através de seus personagens tão exatos que transcendem a realidade, Castello fez o painel preciso – e real – dos personagens que povoaram a política brasileira em seu tempo".

Sarney prossegue: "Carlos Castello Branco foi o grande formador

do jornalismo político e o maior nome do jornalismo moderno no Brasil. O País teve uma tradição de jornalistas que faziam política, consagrada em Ferreira de Araújo, mas com nomes como Evaristo da Veiga, José do Patrocínio, Joaquim Serra, Quintino Bocaiuva. Machado de Assis, que foi intimamente ligado a eles, conta o que foram de forma admirável. Outro lado era o dos políticos que faziam jornalismo, como José Bonifácio e Joaquim Nabuco. Essa tradição estava representada, quando conheci Castelinho, por Villas-Bôas Corrêa, Heráclito Sales, o velho Prudente de Moraes, que faziam a análise política de alto nível. O jornalismo estava atravessando um período de grandes reformas, com Odylo Costa, filho, Pompeu de Sousa, Jânio de Freitas, Samuel Wainer. Castelinho unia as duas correntes, a dos analistas e a dos reformadores".

O ex-ministro Antônio Delfim Netto acrescenta: "Castello era uma pessoa de absoluta confiança para se dar a informação para ele fazer a crítica, qualquer que fosse a crítica que ele fizesse. A crítica não era completamente objetiva, pois isso não existe, mas era a mais objetiva possível – ele não tinha maldade na interpretação. Uma outra coisa: ele não tinha contemplação. Não estava lá para julgar, era um narrador. É claro que tinha seus valores, pelos quais acabava filtrando a informação".

SAMSUNG



XP inc.

amil

Miriam Leitão conceitua: "O jornalista tem que saber em qual frente ele luta. No espaço de Castelinho, mesmo debaixo da censura, mesmo impedido de dizer, a coluna tinha linhas e entrelinhas. Um poder absoluto do idioma, em todos os sentidos. O texto dele era um texto de precisão e de beleza. Não precisava ofender ninguém. Uma expressão que ele usou, já no período da democracia: 'Os imprecisos limites éticos da equipe econômica', diz muita coisa. Todo bom colunista tem que ler e reler Castelinho, para afinar o instrumento. Tem que beber dessa água, nesse manancial. Coluna é um exercício de disciplina, de um olhar mais amplo, de refinar o estilo. São leis do Castelinho não escritas, mas quem o acompanhou, segue. Ainda hoje, na minha maturidade, é o que eu acho".

Eliane define: "Castelinho foi, e é, a maior referência do colunismo político no Brasil. Conhecimento, capacidade de análise, estilo macha-

diano, compreensão clara dos movimentos políticos. Não 'um', mas 'o' grande mestre".

Merval lançou, em 2010, *O lulismo no poder* e considerou o livro uma homenagem ao mestre. "Um dos principais livros de Castelinho, indispensável para estudar a ditadura no Brasil, foi *Os militares no poder*, onde reuniu colunas de todo o período. Como meu livro também era um retrospecto da era Lula no governo, achei que tinha tudo a ver, a homenagem e o título", relata.

Na opinião de Ricardo Kotscho, "ele era a Bíblia; se publicava alguma coisa era porque de fato aconteceu. Deixou o legado da credibilidade. Era confiável, por isso todos os políticos faziam questão de conversar com ele. Isso por muitos e muitos anos. Passou por todos os governos".



Os governos que se sucederam

"Quando o conheci eu já era ministro "e tinha grande admiração por ele", diz Delfim Netto. "Foi seguramente o mais sofisticado crítico dos governos militares. Já era um crítico muito respeitado, mas talvez, nos governos militares, fosse o que tivesse as melhores fontes. Sempre teve a grande fonte de informação dele na Casa Civil. Lembro o respeito que o dr. Leitão [ministro Leitão de Abreu] tinha por ele, e o dr. Leitão não tinha respeito por qualquer um".

Quando na Presidência, José Sarney tem a memória do "talento extraordinário, caráter incorruptível, isenção tão fria que nem a mais afetiva amizade fazia transigir sua ação no dia a dia do jornal, que extrapolava para ser uma atividade de excepcional importância cultural no setor da sociologia política. Uma vez Roseana, de quem ele gostava muito, lhe disse: 'Você está exagerando com meu pai, que é tão seu amigo!' Sua resposta: 'Por isso mesmo!'".

FHC conviveu com ele: "Desde quando eu era senador (e mesmo antes), almoçava às vezes com ele em casas de amigos ou mesmo na dele. Também conheci sua mulher, Élvia, que foi ministra do Tribunal de Contas da União. Castello era muito amigo do Sarney, mas se dava bem comigo, com Ulysses e, sobretudo, com Severo Gomes".

O relacionamento com as fontes

Manuel Francisco do Nascimento Brito, dono do Jornal do Brasil, recomendou certa vez: "Aqui no JB não se pode escrever contra Delfim Netto, contra a Igreja e contra a iniciativa privada." A frase tornou-se notória, mas Delfim Netto, que encabeça a lista das instituições intocáveis na época, contesta: "Aquilo não é verdade, o jornal fazia críticas, algumas até injustas. Sempre tive boas ligações com ele, mas não só com ele, com os jornais de São Paulo e do Rio, porque a Fazenda era uma fonte de informação".

"E por que nunca houve censura na área econômica?", indaga e esclarece Delfim: "Por uma razão muito simples: a 'linha dura' sempre se opôs à área econômica do Governo. Eles achavam que a política econômica era contra eles. A economia nunca teve nenhuma ligação com os militares da 'linha dura'. Como eles faziam a censura, você podia fazer uma crítica um pouco mais frouxa. Assim, o Ministério da Fazenda transformou-se num ambiente onde todos os críticos políticos – como Villas-Bôas Corrêa, Tarcísio Holanda e Castello – frequentavam o gabinete".

Delfim ressalta que "era um ambiente tranquilo de conversa, não tinha nada de segredos, mas informava. E aquilo talvez ajudasse a esclarecer os problemas políticos. Havia jornalistas, tanto na área econômica como na política, que eram extremamente competentes e confiáveis. Quem não é confiável não tem a boa fonte. Uma coisa importante: eram pessoas altamente qualificadas, que não se deixavam manipular. Na verdade, a fonte importante para o jornalista é a que diz exatamente o que ele precisa saber, sem tentar manipulá-lo".

No Governo Lula, a sala destinada aos profissionais da imprensa recebeu o nome do colunista. "Foi emocionante", diz Lula, "com a presença da esposa do Castello e a chance de falar da história dele e do Brasil para muitos jovens na época que não chegaram a conhecê-lo. Ricardo Kotscho estava muito feliz com a inauguração da sala, ele conduzia a assessoria com um respeito imenso aos repórteres. Kotscho sempre foi um repórter, então havia esse respeito, e sempre houve no meu governo respeito pelos setoristas, o que infelizmente não vemos no governo atual. O saudoso Jorge, do restaurante Feitiço Mineiro, doou o coquetel, e o meu querido José Alencar [vice-presidente] doou algumas garrafas de qualidade, então foi um momento de integração importante em um clima amistoso".

Sobre essa iniciativa, Kotscho comenta: "Nunca trabalhei com ele, era de uma geração anterior à minha, mas ele era uma referência em Brasília. Quando fui trabalhar no governo, ouvia muito falar sobre Castelinho. Me ocorreu a ideia de homenagear o principal jornalista político do País".



Com Jose Aparecido, 1986



Entrevista Juscelino Kubitschek para O Cruzeiro-1960-Foto Antonio Rudge

Sarney opina: "Ele conseguiu esse milagre de não se calar nem ser calado. Não se calar significa mais do que se exprimir, é saber fazer-se ouvido. Ninguém, no universo político brasileiro e entre quem procurava manter-se informado, podia deixar de ler a *Coluna do Castello*; mais ainda, a ler em primeiro lugar ao abrir os jornais do dia".

E vai além: "Tornou-se assim, de maneira paradoxal, uma fonte importante para os militares, não porque revelasse qualquer segredo ou dissesse o que a eles convinha, mas porque sabia ler – entre os sinais contraditórios que a política sempre manda, ainda mais oblíquos naqueles tempos –, os fatos e prever suas consequências. Assim, a coluna foi, a um só tempo, a oração de cada dia pela redemocratização e a sibilada que o regime militar escutava".



SAMSUNG

amil

Luiz Orlando, então diretor da sucursal do JB, tinha o cenário para receber as fontes: "Na minha casa, alugada pelo JB no Lago Sul, distante umas quatro quadras da dele, convidávamos às vezes políticos eminentes, influentes, para conversas informais, em jantares também informais. Ou apenas regadas a uísque ou vinho. Lembro-me de uma noite, ainda no início dos anos 1980, em que lá estávamos com Tancredo Neves e Thales Ramalho (também grande figura do MDB). Tancredo tomava uísque moderadamente, Thales não ficava só numa garrafa de vinho. Eu era também bom de copo. Mas Castelinho era imbatível. No fim da noite tentamos convencê-lo a ser levado em casa por um de nós. Ele recusou a oferta, e disse que ia para casa, 'ali perto', dirigindo o seu próprio carro. Quando acelerou, o carro se recusou a sair, pois o freio de mão estava puxado. Acabou resolvendo o 'problema', e conseguiu chegar em casa. No dia seguinte, lá na sua salinha da sucursal, ele me perguntou como tinha voltado para casa na véspera. Não se lembrava. Mais ou menos uma hora depois, entregou-me a coluna datilografada. Era uma análise perfeita do *cream of the crop* do que tinha sido dito e ouvido naquela conversa noturna, que ficou registrada na sua memória sem que qualquer anotação tivesse sido feita..."

Colunistas que o sucederam

Com a morte de Castello, em 1993, Marcelo Pontes o substituiu. Mais tarde, Dora Kramer assumiu o espaço, que passou a se chamar *Coisas da Política*.

Dora conta: "Fui para Brasília cobrir a Constituinte e conhecia Castello apenas de vista, na sucursal do JB. Uns dois anos depois da morte dele, assumi a coluna (já com outro nome) onde fiquei por 11 anos. Foi coisa da direção do jornal. Marcelo não poderia continuar, porque tinha sido

Miriam Leitão tem histórias: "Tive alguns contatos com ele, com aquela admiração enorme. Eu era repórter de política externa da Gazeta Mercantil e quase desmaiei com um elogio que ele fez para mim. Era o *Acordo de Itaipu*: depois de três anos negociando, o que começou no final do governo Geisel só foi fechado no governo Figueiredo. Cheguei perto dele, perguntei o que ele achava, e ele me disse: 'Li sua matéria hoje na Gazeta Mercantil'. Eu queria ter uma coluna, escrever o que eu penso. Então, perguntei a ele o que era importante para ser colunista: 'Eu quero chegar num ponto em que não precise conviver com pessoas das quais não goste, mas ainda não cheguei nesse ponto'. E ele já era o Castelinho! Foi uma lição para a vida: sempre se pode tentar ouvir as pessoas".

Merval escreveu o prefácio da biografia de Castello, e conta: "Fui convidado pelo autor, Carlos Marchi, com quem trabalhei no Globo em Brasília nessa época. Com aprovação da família de Castelinho. Provavelmente porque já escrevia uma coluna política diária que muitos consideram sucessora da do Castelinho. Para minha honra e preocupação pela responsabilidade".

O legado

Quem conviveu com Castello guarda o que ele deixou. São lições para se perpetuarem:

Delfim Netto: "As notas do Castellô podem ser lidas até hoje com proveito. Ainda que sejam datadas, revelam uma argúcia analítica com a qual se tem a aprender".

FHC: "Sua herança foi o ser objetivo e, ao mesmo tempo, tomar partido, o da liberdade; o ser educado, sem ofensas, o deixar visível o que era absurdo e, portanto, ele era contrário".

Sarney: "Quero dizer também que os cem anos do Castello são para mim uma data importantíssima. Já disse que fomos grandes amigos. Mas tenho sentido, nesses longos anos desde seu falecimento, uma

editor-chefe. Dácio Malta então falou: 'Vai você'. A primeira coisa que eu quis foi mudar o nome da coluna, para não ficar com aquela sombra".

"Costumo dizer que não dei vexame", prossegue Dora. "Fui fazer outra coisa, não tinha que me espelhar. Fiquei lá, comendo minhas goiabas, fazendo meu trabalho. Minha coisa é texto, não sei fazer nada curto, e naquele espaço eu me encontrei. Fui aprendendo a dar opinião – tudo bem que alguém quisesse saber a opinião do Castello, mas a minha... Gosto mesmo de escrever, não sei fazer nada curto, gosto de explicar. Então pronto, é isso, sem mistério. Quem me abriu a porta foi o Jornal do Brasil. Nem eu sabia que ia ser uma coisa tão bacana. Posso fazer um bom serviço, dar opinião; tem coisa melhor?".

Para Eliane, "Castelinho foi não apenas o meu grande mestre, mas também o autor do maior elogio que recebi em toda a minha longa carreira, conforme registrado na biografia dele escrita pelo amigo e colega Carlos Marchi. Eu era uma jovem jornalista, lá pelos 30 anos de idade, quando escrevi pela primeira vez a *Coluna do Castello*, numa segunda-feira. Foi sobre uma festa no sítio do então poderoso general Golbery do Couto e Silva e eu tinha sido a única jornalista presente. Castelinho ficou furioso e reclamou com a direção: 'Qualquer um já pode escrever na minha coluna?!'. Continuei escrevendo, sempre às segundas-feiras, até que um dia defendi que política não é aritmética e que, apesar de ter maioria no PDS e no Congresso, e de a 'eleição' ser indireta, Paulo Maluf não seria vitorioso no colégio eleitoral e não seria presidente porque as forças da sociedade não permitiriam. Castelinho, em pessoa, entrou no meu 'aquário' e me deu um abraço carinhoso: 'Parabéns! Essa coluna eu assinaria embaixo'. É ou não um elogio inesquecível para sempre?".



imensa falta dele. Falta pelo que representaria sua opinião e sua análise deste século, mas falta, sobretudo, de sua presença amiga. Vejo-o com nitidez, ao lado de Elvia, e me emocionio com sua presença".

Eliane: "Referência até hoje, e sempre, Castelinho criou

a cultura de colunas políticas baseadas na informação, nos dados, na realidade, não no achismo. Colunas para informação e reflexão".

Merval: "Carlos Castello Branco é um ícone do colunismo político brasileiro, e deu a ele dimensão histórica".

Miriam: "Ele nos pautava também. Lembro de uma vez que vi uma notinha no pé da coluna. A coluna dele não era de notas, mas esse dia ele fez uma notinha. Dizia apenas que o embaixador do Brasil em Londres havia mandado para o Aracoara uma proposta de política externa. Era a transição para o Governo Figueiredo, e Aracoara era onde estava sendo montado o novo governo. O general ficava lá com seus assessores. Eu cobria política externa. Assim que li a coluna, fechei o jornal e fui atrás das minhas



Inauguração da Sala de Imprensa no Planalto-Marisa Leticia, Lula, Elvia, Lindaura Nunes Brandao, Jose Alencar e Ricardo Kotscho-2003



Com Otto Lara Resende e Fernando Sabino-Rio, 1950

fontes. Era um mundo sem celular, sem internet, sem e-mail. Tinha que ir mesmo, pessoalmente. Só sosseguei quando consegui a cópia do documento. O embaixador em Londres era o Roberto Campos. A proposta que ele fazia era de seguir uma política externa alinhada com os Estados Unidos, abandonando a 'veleidade' da independência. Ele estava oferecendo-se para ser o chanceler, ao fazer o movimento. A Mariangela Hamu, que era do JB, também conseguiu. No jornal em que eu trabalhava, Gazeta Mercantil, foi manchete. Provocou uma reação tão forte no Itamaraty que a proposta foi engavetada. E a política externa continuou sendo a que eles chamavam na época de 'pragmatismo responsável'. Arquivada, portanto, a ideia do alinhamento automático aos Estados Unidos, que agora está em vigor, em mais um erro do Governo Bolsonaro".

Ela resume: "Castelinho é aquela figura que fica na história de uma profissão: chega num patamar inalcançável, assim como Pelé e Ayrton Senna. Não se pode falar de um novo Castelinho, não tem isso".

Jornalismo político hoje

Se compararmos o jornalismo político que se faz hoje com o que era feito no tempo de Castelinho, sem dúvida saltam aos olhos as diferenças formais, tecnológicas, mas também mudanças na linguagem e no perfil dos jornalistas.

FHC: "Hoje a informação circula mais. Isso requer capacidade analítica. É mais difícil, e muitos substituem análise pela complexidade verbal. Castello analisava de verdade e sempre com aparente singeleza. Informava o leitor que, pouco a pouco, era enredado na sequência de fatos que ele mostrava. Isso sim, é jornalismo político bem feito".

Delfim Netto: "Eu acho que hoje se faz um jornalismo mais *light*. Porque não se ignora que ele tinha uma profunda cultura da ciência política, que hoje é um pouco mais rara. Naquele tempo, as colunas tinham uma importância muito grande, as pessoas esperavam para ver o que o Castello ia escrever no dia seguinte. Hoje, a coisa é menos editada, o excesso de informação reduz a qualidade da informação".

Lula: "Não estou me referindo a nenhum jornalista específico, mas, de forma geral, houve uma criminalização irresponsável da atividade política, coisa que um jornalista como Castelinho jamais faria. E eu sempre disse que quando se nega a política, o que vem depois – e está aí o que veio depois – é sempre pior. Acho que não só o jornalismo, mas o mundo está carecendo de um pouco mais de humanidade. O ser humano não pode virar um algoritmo. O ritmo alucinante da mídia de

hoje – a pessoa não olhar no rosto porque está enfiada no celular – infelizmente sinaliza que estamos em um período de muito ódio, muito pouca solidariedade e humanidade. Agora especificamente estamos vivendo a pandemia, quando o jornalismo tem feito um trabalho muito importante para a sociedade, tem sido fundamental. E depois dela tentaremos ser mais humanos, dialogar mais, apurar as coisas com mais cuidado sobre o que se está falando e as consequências disso. A pessoa não pode ser enxovalhada por horas no momento da denúncia, com o Ministério Público sendo tratado como se fosse a voz de Deus, quando é parte do processo. E depois, quando a pessoa esclarece e é inocentada, sai uma notinha de pé de página, quando sai. Mas o Castelinho será sempre lembrado como um profissional que, nos tempos mais difíceis, buscou a informação verdadeira, a análise isenta e correta dos fatos. Esta foi sua grande contribuição à democracia em nosso Brasil".

Sarney: "Creio que a imprensa, de um modo geral, foi profundamente afetada pela revolução que é a comunicação em tempo real. Assim, acossada pela mídia interativa, só prevalecerá como um espaço de análise. Castello, com sua enorme dificuldade vocal, era um mágico em tirar de cada conversa o que importava. Ele adotava um processo muito simples, que consistia num simples *hum-hum*, dito de passagem à boa maneira piauiense e maranhense, e que puxava pela palavra alheia com singular habilidade e eficácia. Ia construindo, ao longo do dia, dos dias, das semanas, dos meses, o seu argumento, a estrutura de sua crônica. Por outro lado, o tempo da mídia é implacável com a análise como ela é feita hoje. Assim, comparar o jornalismo político de hoje com o que praticou Carlos Castello Branco seria um exercício fútil, pois mudaram profundamente as circunstâncias".

Eliane: "Castelinho foi único, brilhava praticamente sozinho. Hoje, com a internet, os colunistas/comentaristas multiplicaram-se e se tornaram essenciais em TVs, rádios, sites, jornais e revistas. Com a notícia em tempo real, o importante é entender a notícia, explicar o que há por trás dela e projetar cenários".



Por que um livro sobre Castelinho?

Encontrei uma amiga no Aeroporto de Congonhas e ela me contou que vinha do Rio, onde visitara Luciana, filha de Castelinho. Relatou que Luciana estava muito triste por constatar que, vinte anos após a morte dele, Castelinho andava a caminho do esquecimento. Peguei o celular, liguei para Luciana e lhe disse: "Vou escrever sobre seu pai".

Começava ali a saga de reunir informações, entrevistar pessoas, garimpar documentos e fotografias e, principalmente, entender o processo que levou Castelinho a ser o mais importante cronista político da História do Brasil. Comecei com ela mesma: em várias reuniões, Luciana me repassou boa parte do seu arquivo familiar.

Meu projeto inicial previa um livro com 350 páginas; ele acabaria se alongando e terminou com 500, porque, na prática, a importância de Castelinho não caberia em 350 páginas. Primeiro fui atrás das pessoas e fatos na vida de Castelinho; foi a parte mais fácil. O difícil viria a seguir: identificar e diagnosticar os aspectos técnicos que tornaram Castelinho o mais importante jornalista político brasileiro.

O que era diferente e importante na maneira de ele pautar, investigar, apurar, analisar e escrever? Era uma extraordinária coligação de talentos que dava a sua coluna uma configuração inequívoca de imparcialidade. Ao mesmo tempo revelava nela o resultado de uma apuração feita com rigorosa acurácia, descrita por um texto elegante, de fina qualidade, incomum no jornalismo político brasileiro.

Quando escrevo um livro, minha primeira preocupação é encontrar duas passagens vitais – a abertura, que deve ser capaz de aprisionar o leitor e criar-lhe um atrativo capaz de induzi-lo a seguir lendo o livro; e o fecho, que deve ser capaz de deixar no leitor um gostinho de "quero mais" e, se possível, fazê-lo se emocionar. Quando encontrei os dois, o livro ficou fácil de escrever. (C.M.)



Carlos Marchi é jornalista e escritor, e autor de *Todo aquele imenso mar de liberdade – A dura vida do jornalista Carlos Castello Branco* (Record, 2015)



Cristina Vaz de Carvalho é editora de J&Cia no Rio de Janeiro

Agradecimentos

Jornalistas&Cia agradece o empenho dos assessores que insistiram juntamente conosco para termos acesso às fontes de informação, assim como aos amigos que nos indicaram o caminho das pedras. Gratidão a Carmen Pereira, Claudia Quaresma, José Chrispiniano, José Luiz Sá de Castro Lima, Laíssa Carvalho, Paula Sandroni, Pedro Costa, Raphael Pinheiro, Sidnéia Camilo, Virginia Berriel.

O coronavírus e os veículos de comunicação – XVI

Veículos independentes formam parceria para monitorar violência doméstica durante a pandemia

■ Amazônia Real, Agência Eco Nordeste, #Colabora, Portal Catarinas e Ponte Jornalismo formaram uma parceria colabo-

rativa para monitorar a violência doméstica durante a pandemia de coronavírus, com o objetivo de dar visibilidade a esse “fenômeno silencioso”. O projeto *Um vírus e duas guerras* trará ao longo de 2020 diversas reportagens e dados sobre feminicídio durante o isolamento social.

► A iniciativa fará um levantamento quadrimestral sobre violência doméstica. Os primeiros dados, obtidos entre março e abril deste ano, apontaram um aumento de 5% nos casos de feminicídio no País, em comparação ao mesmo período de

2019. Nesses dois meses, 195 mulheres foram assassinadas, contra 186 no mesmo período de 2019.

► A pesquisa usou dados das secretarias de Segurança Pública de 20 estados. Nove deles registraram juntos um aumento de 54% nos casos de feminicídio. A média observada foi de 0,21 feminicídio a cada 100 mil mulheres. A taxa ficou acima da média em 11 estados.

► [Leia a íntegra da reportagem da Agência Eco Nordeste sobre a iniciativa.](#)



Ilustração: Hadna Abreu (Amazônia Real)

Pesquisa da Fenaj mostra como a pandemia afeta os jornalistas

■ A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) divulgou em 18/6 os resultados de uma pesquisa sobre os impactos da pandemia de coronavírus nos profissionais de imprensa nas redações, com ou sem vínculo formal de trabalho. Cerca de 55% dos entrevistados declararam aumento de pressão por acúmulo de tarefas, sobrecarga de horário e cobrança por resultados ocasionados pela pandemia.

► **Norian Segatto**, do Departamento de Saúde da Fenaj, explicou que esse aumento de pressão está relacionado às redu-

ções de salário e demissões, que atingiram boa parte das redações. Segundo os dados, houve redução salarial em cerca de 30% dos veículos, e demissões em 20% deles. Segatto disse que isso causa “sobrecarga para quem ficou, com consequente aumento da cobrança e pressão sobre os/as jornalistas”.

► A pesquisa, que ouviu 457 profissionais de todo o País, indicou



FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS

também uma contradição no que se refere à segurança dos profissionais: aproximadamente 79% dos participantes responderam que as empresas têm garantido condições de saúde e segurança para o exercício da profissão, mas apenas 17,5% consideraram satisfatória a quantidade de equipamentos de proteção individual fornecida. Além disso, quase 48% dos entrevistados acreditam que as empresas poderiam melhorar as condições de trabalho durante a pandemia.

► A presidente da Fenaj **Maria José Braga** declarou que “a pan-

demia agravou a situação que já era grave e, principalmente, em relação às condições de trabalho e salário, porque pode não ser maioria, mas é indicativo o contingente de profissionais que teve o salário reduzido, que é gravíssimo para qualquer trabalhador e ainda mais para um trabalhador que não tem um alto salário, como é o caso do jornalista. Ao contrário do que a maioria pensa, a categoria é mal remunerada e, em um salário já baixo, ter 25% de corte é muitíssimo grave”.

► [Com informações do Sindicato dos Jornalistas de SP.](#)

RSF destaca projetos brasileiros entre os “heróis da informação” contra o coronavírus

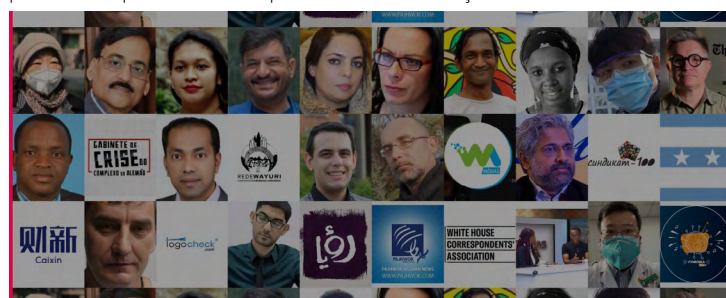
■ A ONG Repórteres sem Fronteiras (RSF) apresentou em 16/6 uma lista com 30 jornalistas, meios de comunicação e projetos de todo o mundo destacados como “heróis da informação” no combate à pandemia da Covid-19. São profissionais e plataformas que estão contribuindo para difundir informações confiáveis e vitais no contexto da crise sanitária. Entre os trabalhos reconhecidos, dois são brasileiros.

► São eles o [Gabinete de crise](#), projeto criado pelas organizações

de mídia alternativa [Papo Reto](#), [Voz das Comunidades](#) e [Mulheres em Ação](#) para informar as populações negligenciadas no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro; e a [Rede Wayuri](#), que reúne 17 jornalistas de oito etnias da Amazônia para evitar a propagação do vírus na região e informar mais de 750 comunidades indígenas. A rede vem produzindo e traduzindo [boletins informativos em áudio](#) para diversas línguas nativas.

► A organização também prestou homenagem especial a profissionais de imprensa de Guayaquil, primeiro epicentro da epidemia

na América Latina. Até o final de abril, pelo menos 13 jornalistas do Equador haviam sucumbido à doença.





SAMSUNG

amil

Outras iniciativas

Pesquisa da ECA "antecipou" o conceito de redação virtual jornalística

■ Com a pandemia e o consequente isolamento social, o local do trabalho do jornalista e de outros profissionais de comunicação foi deslocado para o ambiente digital. Contudo, esse processo de "virtualização" das atividades jornalísticas já havia começado e a pandemia tem acelerado essa transmutação.

► Defendida no final de 2019, a dissertação *A redação virtual e as rotinas produtivas nos novos arranjos econômicos alternativos*

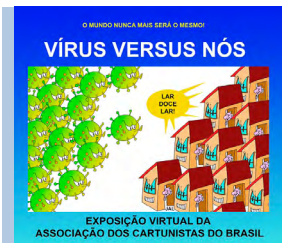
às corporações de mídia, de **Ana Flávia Marques**, pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, ensejou o conceito de redação virtual e seu impacto no jornalismo. O trabalho científico avança no desenho conceitual desse novo espaço de produção jornalística.

► Para a pesquisadora, a redação é o espaço físico que permite o acompanhamento das transformações do jornalismo. Ela diz que ao olhar para os arranjos

alternativos de comunicação foi possível identificar aspectos estruturais da virtualização desta atividade: "É o ambiente em que se modulam e se padronizam as relações de trabalho e é o local possível para se observar como esses jornalistas falam sobre e no trabalho em termos ideológicos; como constroem valor de uso e

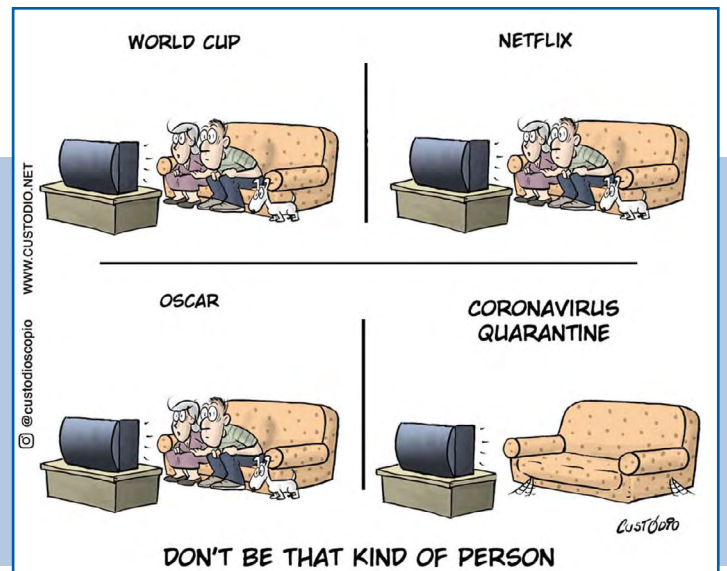
de troca; e como se dão as novas formas culturais das relações de produção, bem como os valores mobilizados para o trabalho e o que levam do trabalho para a sociedade".

A dissertação pode ser acessada [aqui](#) e de forma resumida em [artigo aqui](#).



O vírus versus nós

■ Estamos reproduzindo charges sobre a Covid-19 publicadas na exposição *O vírus versus nós*, em cartaz no site da Associação dos Cartunistas do Brasil. A desta semana é do brasileiro **Custódio** (José Custódio Rosa Filho), que desde 1988 faz charges, personagens, tiras e animações para agências de publicidade, sindicatos, revistas, jornais e canais de TV, inclusive do exterior.



Record TV estreia programa de entrevistas. Christina Lemos passa a apresentar o *Jornal da Record*

■ A Record TV estreou em 22/6, às 22h, o *JR entrevista* em conversa com o vice-presidente da República Hamilton Mourão. O programa será exibido de segunda a sexta-feira, com uma hora de duração, trazendo convidados de destaque na política nacional,

dos três poderes. Dois apresentadores e repórteres da emissora vão se revezar no comando das entrevistas, entre eles **Guilherme Portanova** e o repórter **Thiago Nolasco**.

► Gravadas nos estúdios da Record Brasília, as entrevistas têm os principais trechos exibidos primeiramente no *Jornal da Record*, transmitido às 19h45, e na edição de meia-noite. Entram ainda nas redes sociais da Record TV. A versão integral vai ao ar às 22h, simultaneamente na Record News, no portal R7, no PlayPlus e no canal do *Jornal da Record* no YouTube.

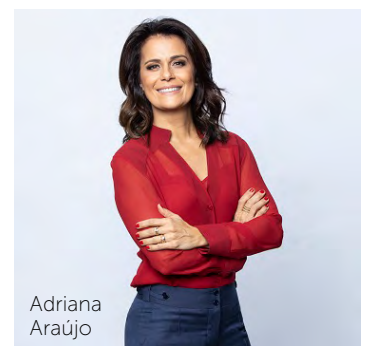
► E o *Jornal da Record* conta agora com apresentação de **Christina Lemos**, que se destacou na cobertura de política em Brasília. Comentarista de política e moderadora de debates eleitorais das últimas quatro eleições presidenciais na Record, cobriu por 20 anos a Presidência da República, e comandou o *talk show Brasília ao vivo* pela Record News. Mantém ainda um blog de política no portal R7. Ela assume a bancada ao lado de **Sérgio Aguiar**, que segue apresentando o telejornal provisoriamente, até o retorno de **Celso Freitas**, afastado preventivamente devido à pandemia.

► **Adriana Araújo**, que até então era a apresentadora titular do *Jornal da Record*, comandará uma nova temporada do programa *Repórter Record Investigação*, que estreará em breve.



Christina Lemos

Edu Moraes



Adriana Araújo

Edu Moraes

Apresentadores do Band Notícias são afastados por suspeita de Covid-19



Douglas Santucci e Cynthia Martins

■ O Grupo Bandeirantes decidiu nessa segunda-feira (22/6) pelo afastamento dos apresentadores do *Band Notícias*. A medida foi tomada após **Douglas Santucci** testar positivo para a Covid-19. Como medida de segurança, sua colega de bancada **Cynthia**

Martins também foi afastada temporariamente.

► Com a decisão, o telejornal ganhou uma dupla interina de apresentadores: **Pablo Ribeiro** e **Joana Treptow**.

► Em [nota enviada à emissora](#), o Sindicato dos Jornalistas de

SP solicitou uma série de ações para garantir a segurança dos profissionais da casa, como comunicação oficial, teste para todos os funcionários e contingenciamento da equipe por *home office* parcial.

Versões impressas de Valor Econômico e O Globo deixarão de circular em Brasília

■ O Grupo Globo anunciou que as versões impressas dos jornais Valor Econômico e O Globo deixarão de circular em Brasília e nas cidades de Goiânia, Anápolis, Aparecida de Goiânia e Rio Verde, em Goiás. Segundo a empresa, a mudança, que passará a valer em

1º de julho, é fruto de um processo de "reinvenção e modernização".

► Em comunicado, o Grupo Globo disse estar "atento aos novos comportamentos de consumo de notícia causados pela grande transformação digital que vivemos. Prova disso é que, nessas

localidades (Brasília e algumas cidades de Goiás), o número de assinantes digitais já representa seis vezes mais do que o número de assinantes do impresso, o que reforça a opção por um maior foco na operação digital, neste momento".

► Os assinantes das localidades citadas ainda podem acessar o conteúdo dos jornais em seus respectivos sites e *apps*, incluindo a versão em pdf com o formato de paginação a que estão acostumados.

Anuário da Comunicação Corporativa

Crise e incertezas não tiram esperanças de um ano melhor

■ O ano de 2019 foi desafiador para a comunicação corporativa, como mostra num profundo mergulho a edição 2020 do *Anuário da Comunicação Corporativa*, da Mega Brasil, lançada digitalmente nesta quarta-feira, 24 de junho.

► Os números que ela traz dão conta de que, a despeito do cenário adverso, as agências de comunicação faturaram 5,4% a mais do que em 2019, atingindo a inédita marca de R\$ 3,02 bilhões de faturamento.

► **Maurício Bandeira**, diretor do Instituto Corda – Rede de Projetos e Pesquisas, que coordenou as pesquisas da publicação, diz que "para quem se acostumou nos últimos anos a crescer muito mais do que o PIB, ficar próximo dele, ostentando a marca de 1,1% de crescimento real (descontada a inflação), não chega a ser um desempenho maiúsculo. Mas, dadas as circunstâncias, não deixou de ser uma proeza".

► **Carlos Carvalho**, presidente executivo da Associação Brasileira das Agências de Comunicação (Abracom), ouvido pela reportagem do *Anuário*, lembra que "tudo vinha bem até certo ponto, com uma boa recuperação no último trimestre de 2019

e nas primeiras semanas de 2020, quando surgiu no horizonte, quase como num piscar de olhos, a avassaladora crise da pandemia da Covid-19".

► Negócios em baixa, demissões em alta, lucros em queda, prejuízos em ascensão também foi o que se viu na atividade da comunicação corporativa naquele primeiro momento da instalação da pandemia no País.

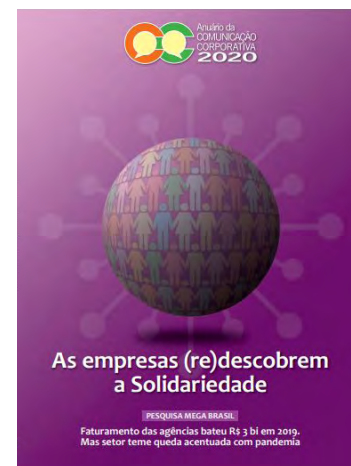
► E esse foi de certo modo o cenário descortinado pelas três pesquisas coordenadas pelo Instituto Corda, para avaliar tanto o desempenho passado quanto as perspectivas da atividade, duas delas focadas diretamente nas agências, incluindo a pesquisa-termômetro de avaliação do impacto da pandemia nos negócios, e uma, inédita, sobre horizontes de investimentos das empresas clientes na comunicação corporativa e na contratação de serviços das agências de comunicação.

► "As três pesquisas foram realizadas praticamente no calor da instalação da crise no Brasil", diz **Eduardo Ribeiro**, *publisher* do *Anuário*, "e são um retrato importante daquele momento. Nossa reportagem, no entanto, saiu a campo depois para ouvir exe-

cutivos de empresas e agências sobre tendências e horizontes para a atividade. E aí, o que se viu, diferentemente do que a frieza dos números mostrou, foi uma grande determinação de usar as lições da crise para transformar a atividade e, a partir dessas transformações, iniciar um novo ciclo de expansão. Não à toa, a própria capa do *Anuário* retrata de certo modo esse sentimento, ao apontar em sua principal manchete que as empresas estão (re)descobrimo a solidariedade".

► As duas principais reportagens da publicação, conduzidas por **Martha Funke** (empresas) e **Dario Palhares** (agências), ouviram dezenas de executivos, mas já num momento de reconhecimento, aceitação e energia para lutar contra a crise, a despeito de sua continuidade e expansão.

► "Os sinais ali captados", diz **Adriana Teixeira**, editora executiva e coordenadora geral da publicação, "são de maturidade, de profissionais acostumados a lidar com crises e encontrar caminhos de superação. E por maior que seja essa crise da pandemia, parece claro que todos nutrem a unânime sensação de que ela venha a ser a mola propulsora de um novo tempo, com forte pre-



sença de inovações tecnológicas, reestruturações operacionais e sobretudo atenção especial ao ser humano".

► Com 144 páginas e o apoio de 64 organizações, o *Anuário da Comunicação Corporativa* traz ainda, como novidade, o caderno Tendências e Transformações, com artigos de opinião de 23 executivos sobre os desdobramentos da crise da pandemia nos negócios. Escritos sob o impacto das primeiras semanas de quarentena e distanciamento social, são um retrato fiel do ânimo que se apossou de todos na luta desabrida pelo enfrentamento da crise e para a sobrevivência das empresas e dos negócios.

► A íntegra do *Anuário* pode ser conferida [aqui](#).



SAMSUNG

amil

Vacina: é preciso encontrar uma contra as fake news

Enquanto países que já controlaram a Covid-19 temem a "segunda onda", outros ainda vivem o drama de contabilizar vidas perdidas e prejuízos à economia. Em comum, todos apostam na vacina contra o coronavírus para dar fim ao pesadelo.

Mas pode não ser tão simples, se os movimentos antivacina conseguirem afetar a contenção da doença. Essa preocupação motivou um estudo da empresa FTI Consulting a respeito de riscos à saúde pública global advindos da disseminação de informações falsas sobre imunização nas redes sociais.

O relatório lembra que teorias conspiratórias envolvendo vacinas não são novidade, mas observa que as redes sociais asseguram condições inigualáveis para a proliferação delas. A fim de avaliar os riscos potenciais, a consultoria tomou como referência a onda de desinformação a respeito da vacina tríplice viral (ou MMR, contra sarampo, rubéola e caxumba). E projetou um cenário preocupante para a imunização contra o coronavírus.

O curioso é que as *fake news* sobre a MMR tiveram origem sólida. Espalharam-se a partir de um estudo publicado em 1999

na respeitada The Lancet, fonte de referência para cientistas e jornalistas, que associava a vacina ao autismo.

Depois muita controvérsia a publicação retirou o artigo. Seu autor teve a licença cassada. Mas isso foi apenas em 2010, quando os boatos já tinham se espalhado o suficiente para impactar a saúde pública em vários países.

O estudo da FTI Consulting assegura que as notícias sem fundamento causaram queda de 94% para 90% na cobertura vacinatória no Reino Unido entre 2013 e 2019. Os pesquisadores empregaram modelos matemá-

Por Luciana Gurgel (@lcnggur), especial para o J&Cia



Luciana Gurgel

gicos e estatísticas oficiais para isolar outros fatores capazes de influenciar redução, comprovando que as informações falsas desempenharam papel central na decisão de pais não imunizarem os filhos.

A conclusão da FTI é que ideias transmitidas pelas redes sociais

afetam o comportamento humano, podendo impactar a saúde pública na vida real. No caso do coronavírus, pessoas podem se recusar a tomar a vacina quando estiver disponível, permitindo que a doença continue a fazer vítimas.

A consultoria conclama os indivíduos a terem cuidado com

o que criam e compartilham. E chama as redes sociais à responsabilidade de conter a desinformação. Por fim, aborda a adoção de controles legais sobre as mídias sociais.

Editores ou plataformas de compartilhamento? – Embora o coronavírus tenha motivado algumas redes a agir rápido

para remover conteúdo falso, o posicionamento das plataformas digitais continua o mesmo. Sustentam que não são editores como a mídia tradicional, e sim ambientes para partilhar material feito pelos usuários, sendo esse o foco do debate sobre mecanismos de controle.

A boa notícia é que o trabalho feito por meios de comunicação e entidades dedicadas a combater as *fake news* parece estar sendo eficaz para conscientizar o público sobre os riscos de acreditar em tudo o que chega pelas redes. A seriedade da pandemia pode estar contribuindo, como registram pesquisas.

Uma das mais notórias, [sobre a qual falamos aqui](#), foi feita pela empresa GlobalWebIndex. Indicou que, mesmo figurando como fonte de informação sobre a doença para 47% dos

respondentes, as redes sociais alcançaram somente 14% no quesito confiança, o maior *gap* entre uso e credibilidade.

Todos são responsáveis – É um caminho fácil crucificar as plataformas digitais. Porém, não são as únicas vilãs.

O episódio envolvendo The Lancet acaba de se repetir, com a inacreditável história do artigo científico publicado em maio mostrando riscos cardíacos para pacientes tratados com hidroxiquina. Foi removido diante de questionamentos sobre a metodologia por parte do The Guardian depois de ter sido usado até pela OMS para fundamentar a recomendação de suspender o uso da substância.

Responsabilidade e cuidado quando se trata de saúde precisam valer para todo mundo.

THE LANCET

Log in 🔍 ☰

COMMENT | VOLUME 395, ISSUE 10240, E102, JUNE 13, 2020

Expression of concern: Hydroxychloroquine or chloroquine with or without a macrolide for treatment of COVID-19: a multinational registry analysis

The Lancet Editors

Published: June 03, 2020 • DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)31290-3](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)31290-3) • [Check for updates](#)

COVID-19 Resource Centre

Access free content from across The Lancet Journals

Access content

Important scientific questions have been raised about data reported in the paper by Manoj K. Mishra et al.—Hydroxychloroquine or chloroquine with or without a macrolide for treatment of COVID-19: a multinational registry analysis¹—published in *The Lancet* on May 22, 2020. Although an independent audit of the provenance and validity of the data has been commissioned by the authors not affiliated with Surgisphere and is ongoing, with results expected very shortly, we are issuing an Expression of Concern to alert readers to the fact that serious scientific questions have been brought to our attention. We will update this notice as soon as we have further information.

PRESS ROOM

NEGÓCIOS PARA
AGÊNCIAS
VISIBILIDADE
PARA CLIENTES

Hospedagem
+ Design gráfico
+ Suporte

Elabore press rooms
e poste diretamente
da plataforma I'Max.

I'MAX
COMMUNICATE MORE

Orçamentos:
11-3090-6119

Congresso da Abraji confirma três convidados internacionais

■ A 15ª edição do *Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo da Abraji*, em 11 e 12 de setembro, já tem confirmadas as participações de três convidados internacionais: **Craig Silverman**, do BuzzFeed do Canadá; **Neena Kapur**, especialista em *doxing* (exposição de dados pessoais na internet) do New York Times; e **Cécile Prieur**,

responsável pela inovação do Le Monde. O evento, que terá inscrições abertas em breve, será totalmente virtual, com palestras, painéis e bastidores de reportagens sobre a Covid-19, meio ambiente, racismo e ameaças à democracia.

► Vale lembrar que o modelo de cobrança do *Congresso* será diferente: o valor do ingresso

será proporcional a dois dias e servirá como referência para os participantes definirem o valor de sua contribuição voluntária. A ideia é garantir a participação dos jornalistas que foram demitidos ou tiveram suas jornadas reduzidas por causa da pandemia.

► Em 10 de setembro, um dia antes do *Congresso*, haverá o

7º *Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo* e a apresentação de trabalhos de conclusão de curso (TCCs), que já está com [inscrições abertas](#). E em 13 de setembro, um dia após o *Congresso*, haverá a segunda edição do *Domingo de Dados*, com cursos, oficinas e palestras sobre jornalismo de dados.

► [Com informações da Abraji](#)

Unesco reitera importância de garantir segurança de jornalistas nas manifestações

■ A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) destacou em comunicado o aumento da violência contra jornalistas que cobrem manifestações públicas em diversos países e como isso afeta a liberdade de imprensa e de expressão.

► Audrey Azoulay, diretora-geral da Unesco, afirmou que "a cobertura de acontecimentos está no centro do trabalho jornalístico, (...) essencial para garantir a liberdade de imprensa e o direito à informação". De acordo com a

entidade, nos últimos anos houve um aumento significativo nos registros de uso desproporcional da força por parte de policiais contra profissionais de imprensa em manifestações.

► No comunicado, a Unesco lembra que realizou programas de formação sobre liberdade de imprensa e expressão para cerca de 3.5 mil agentes das forças de segurança de 17 países, e para quase 17 mil juízes e funcionários judiciais na América Latina e na África.

► [Leia o comunicado da Unesco na íntegra \(em inglês\)](#).



É tempo de festa junina (3 – final) | Por Assis Ângelo

Santo Antônio, São João e São Pedro. Esses santos, mais São Paulo, fazem as festas do povo no mês de junho. Principalmente cá, nessas bandas.

Santo Antônio era português, intelectual, descendente de família rica; deixou tudo para os pobres. Tinha pouco mais da idade de Cristo quando morreu, na Itália.

São João, figura especial, nasceu na Galileia e morreu com pouco mais de 90 anos. Foi um sabidão, muito inteligente, teólogo.

São Pedro, o mais simples dos apóstolos, ganhava a vida pescando no mar.

Foi São João que fez a ponte entre Pedro e Jesus.

Quando Jesus viu Pedro, teria exclamado: "Tu és pedra!".

Em 29 de junho de 1906, nasceu em Santa Catarina um menino que ganharia o nome de Pedro. Pedro Raimundo foi tudo na vida, inclusive sanfoneiro.

Em 1943, Pedro Raimundo gravou o primeiro disco. De um lado, o choro *Tico-Tico no Terreiro*. Do outro, *Adeus, Mariana*.

Esse Pedro gravou pouco mais de 50 discos de 78 rpm, alguns compactos e LPs.

Pedro Raimundo, sanfoneiro de qualidade, foi quem induziu o pernambucano Luiz Gonzaga a mostrar-se ao público com a indumentária característica do mundo nordestino. Mais não fosse, Raimundo compôs e gravou muitas músicas com a temática junina (na foto).



A igreja apresentou para festejos juninos Antônio, João e Pedro. Antônio e João foram grandes intelectuais, pensadores. E São Paulo?

Paulo, nascido Saulo, foi o apóstolo desgarrado que enriqueceu o catolicismo com o seu saber e belíssimos textos no Novo Testamento.

No acervo do Instituto Memória Brasil (IMB) está preservada, em boa parte, a história dos festejos juninos. [As danças](#) também integram os festejos.

Escute também [Raízes do Brasil](#) e [Sem Balão no Céu](#).



Sudeste

São Paulo

- **Aline Burgueño**, executiva de contas na KB!Com, deixou a agência após pouco mais de dois anos de casa e está agora na RPMA. Ela foi anteriormente de Burson-Marsteller, Perspectiva e Grupo CDI.
- **Bianca Chioccola**, que passou por Versátil, Alice Ferraz, Index e Gotcha, está agora como relações públicas na Press Pass.
- **Flávia Souza**, analista adminis-

trativo financeiro, deixou o Grupo Printer, onde esteve por mais de quatro anos e meio.

- **Helena Prado**, sócia e *advisor* da Pineapple Hub, assumiu, há algumas semanas, a Diretoria de Comunicação Externa da EY. Anos atrás ela foi RP do Cirque du Soleil, durante a passagem pelo Brasil.
- **Isabela Pelarini**, executiva sênior da Edelman, deixou a agência no corte realizado há

pouco mais de duas semanas. Tinha pouco mais de um ano de casa. Nesse período atuou na conta da Adidas/Reebok. Anteriormente, foi por mais de dois anos e meio executiva de negócios das Edições Globo Condé Nast. O e-mail pessoal dela é isabelavpelarini@hotmail.com.

■ **Juliana Furtado** é outra que deixou a Edelman no corte. Estava há quase cinco anos e meio na

casa, ultimamente como diretora de Criação. PhD em Comunicação pela Universitat Autònoma de Barcelona, esteve anteriormente em Young & Rubicam, DeBritto Propaganda e McCann Erickson.

■ **Leonardo Nascimento**, que esteve por um ano e meio, até maio, na Tamer, deixou a agência e começou na Loures Consultoria (Grupo FSB), como analista de comunicação pleno.



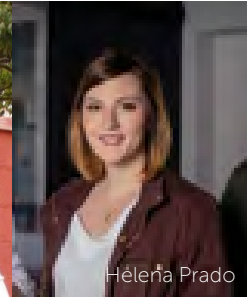
Aline Burgueño



Bianca Chioccola



Flávia Souza



Helena Prado



Juliana Furtado



Leonardo Nascimento

- **Luiza Vaz**, analista de comunicação, deixou a CDN em março e, em maio, começou na mesma função na Burson Cohn & Wolfe (BCW). Ela também já esteve na Agência Febre e foi repórter *freelance* na Elemídia.
- **Patrícia Cré**, assessora de im-

prensa na Máquina Cohn & Wolfe, deixou a agência em maio, após nove meses de casa, período em que atendeu a Marabraz, Mappin e MPD Engenharia.

- **Sílvia Rodrigues de Araújo** deixou a Alpargatas e a Gerência de Comunicação e Trade Marke-

ting da Mizuno, após três anos de casa, e começou gerente de Marketing sênior na General Mills.

■ **Thomaz D'Addio** reforça o time da Ágora Public Affairs & Strategic Communications, contratado como especialista em *public affairs*. Vem de experiência

na área nas agências Prospectiva e Edelman. Mestre e bacharel em Gestão de Políticas Públicas, com experiência em pesquisa, análise e monitoramento de políticas públicas e em engajamento institucional, atuará sob o comando de **Everton Schultz**, presidente e sócio da agência no Brasil.



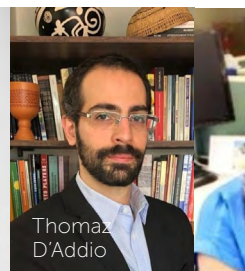
Luiza Vaz



Patrícia Cré



Sílvia Rodrigues de Araújo



Thomaz D'Addio



Priscila Ferreira

Entrou em licença-maternidade...

- **Priscila Ferreira**, assistente de comunicação na B3, em que está desde junho de 2008. Ficará afastada até fevereiro de 2021.

Dos leitores

- Recebemos mensagens de leitores a propósito da primeira edição de [Jornalistas&Cia Academia](#), que circulou em 19 de junho:

"Adorei o filhote – vou ler com atenção." – **Lena Miessva**

"Muito legal. Que venham outros!" – **Luciana Gurgel**

"Parabéns pela edição com o olhar da Academia sobre nossa profissão. Uma pérola rara nesses dias difíceis. Parabéns também para a Cremilda pelo alto nível da reflexão." – **Octavio Costa**

"Que maravilha de iniciativa!" – **Paulo de Tarso Porrelli**

"Bem legal essa iniciativa." – **Renato Santana de Jesus**

"Estou maravilhado com a qualidade da newsletter que acabo de receber. Não apenas pela sensibilidade – sua e de sua equipe -- em chamar a Academia para o debate em momento tão transformador de nossa profissão, como pela oportunidade de reencontrar, depois de muitos anos, o texto da Cremilda Medi-

na, professora e jornalista que marcou profundamente minha história na reportagem. A vida acabou distanciando o aprendiz da mestre, mas a pandemia faz das suas até para reconectar quem vibra na mesma sintonia. Parabéns pela iniciativa." – **Sérgio Adeodato**



SAMSUNG

amil

Dança das contas-SP

■ A In Press Porter Novelli (11-3323-1520) comemora a conquista de duas novas contas. A agência será a responsável pelo relacionamento com as mídias da Mapfre – conta que fica aos cuidados da diretora **Cibele Anjos** (cibele.anjos@inpresspni.com.br) – e pelo atendimento à imprensa e gestão de redes sociais da BP Bunge Bioenergia (bpbunge@inpresspni.com.br). **Lúcia Calasso** dirige o núcleo responsável pela conta, tendo **Bruno Ribeiro** como diretor de digital, além da gerência de **Rodrigo Garcia** e atendimento de **Carlos Brazil**. A conta tem ainda a supervisão da diretora executiva **Débora Pratali**.

■ A Magna Consulting, da área de marketing digital, e a Strata RP, que atua no segmento de comunicação corporativa, fecharam parceria para oferecer ao mercado consultoria *freemium* nas respectivas especialidades. Será um novo

serviço, complementando as atividades individuais e de negócios das duas agências. O objetivo da parceria é oferecer um pacote completo de serviços, com a ideia de diagnosticar as principais dores do cliente e realizar as recomendações necessárias. O trabalho acontece por 60 dias de forma gratuita. Após esse período, o cliente terá a liberdade de contratar os serviços indicados a partir dos diagnósticos da consultoria gratuita. Outras informações com **Fábio Chaves**, pelo 11-996-164-456 ou fabio.chaves@strata-rp.com.br.

■ A NR-7 enfrenta a pandemia com boas novas. A agência anuncia a chegada de sete contas ao seu portfólio, onde se destacam as *startups*: Passei Direto, rede de estudos; Vakinha, site de arrecadação de recursos; Kontraktor, plataforma de gestão de contratos e assinatura digital; Winnin, *martech* que usa ciência de dados em criatividade;

OutField Consulting, consultoria focada nos negócios do esporte e do entretenimento; Final Level, plataforma de entretenimento *gamer* do Brasil; e WDC Networks, distribuidora de tecnologia. Com as novas contas, a agência estima crescer 15% em relação ao mesmo período do ano passado. No atendimento e planejamento, **Leticia Ramos** e **Larissa Spinelli** (larissa@nr-7comunicacao.com.br). A NR-7 conta com os diretores de operações **Julyana Castro** e **Bruno Galo**, com o diretor executivo **Henrique Repiso** e com a direção-geral de **Nelson Rodrigues**.

■ A ARPMA Comunicação ampliou seu atendimento à American Tower Corporation, um dos maiores fundos de investimentos imobiliários do mundo. Além dos serviços nos setores de comunicação e criação, a agência será responsável pela estratégia de *PR* e relacionamento com a imprensa. A conta tem gerência

de atendimento de **Marcos Broliá** e direção de **Soraia Ascari** (amelicantower@rpma.comunicacao.com.br).

■ A Trama conquistou a conta da Pamplona Alimentos, empresa catarinense, com 72 anos de mercado. Responderá pelo planejamento e execução das estratégias de relações públicas, incluindo ações de relacionamento com a imprensa e influenciadores digitais. No atendimento, **Vanessa Sallas** (vanessa@tramaweb.com.br e 11-3388-3049), com gerência de **Ana Paula Teixeira** (ana_paula@trama.com.br) e direção de **Sandra Bonani** (sandra@trama.com.br).

■ A Way Comunicações assumiu a assessoria do Grupo FQM Farmoquímica e de sua divisão FQM Melora. A equipe de atendimento é integrada **Bete Faria Nicastro** (bete@waycomunicacoes.com.br e 11-996-592-111), **Elenice Cóstola** (elenicecostola@way.com.br e 19-996-015-900) e **Nathália Perone** (nathalia@way.com.br e 11-953-237-450).

Curtas-SP

TV Brasil migra para o canal 1

■ A TV Brasil migrou esta semana para o canal 1 em São Paulo. Para ter acesso na TV digital aberta é preciso ir ao menu do aparelho, procurar a programação automática dos canais e iniciar o processo de sintonia. No final da varredura o

canal 1 estará programado como TV Brasil em alta definição.

► **Denilson Morales**, diretor de Conteúdo e Programação da EBC, conta que a data da mudança foi escolhida por causa do caráter histórico do mês de junho

e da relação com a televisão brasileira: “Há 70 anos, em São Paulo, ocorria a primeira transmissão experimental de TV no País”.

► A TV Brasil tem a mais extensa programação infantil, com quase dez horas de transmissão diária na

grade. Estreou este mês atrações novas para adultos, entre elas o *TV Brasil esporte*, apresentado por **Paulo Garritano**, de segunda a sexta-feira, às 19h30, e que tem entrevistas com ídolos do esporte brasileiro, em diferentes modalidades.

A Vida no Centro cria Núcleo de Inteligência

■ A Vida no Centro, plataforma de informação sobre o Centro de São Paulo criada por **Denize Bacoccina** (denize@avidanocentro.com.br) e **Clayton Melo** (clayton@vidanocentro.com.br), está lançando um Núcleo de Inteligência, que vai fazer pesquisas de tendências e comportamentos. A primeira,

em parceria com o Observatório do Turismo, da SPTuris, vai pesquisar o que mudou no comportamento das pessoas com a pandemia de Covid-19, especialmente na relação delas com a casa, o trabalho e a cidade. A pesquisa está no ar e pode ser preenchida [aqui](https://www.vidanocentro.com.br/observatorio).

Agenda-SP

30/6 (terça-feira) – ■ O Sindicato dos Jornalistas de São Paulo realiza às 10h30 Assembleia Ordinária online para apreciação e votação do Balanço Financeiro e do Balanço Patrimonial do exercício de 2019 e da revisão orçamentária

de 2020. Para participar, o associado deve enviar para cadastro@sjs.org.br, até as 16h de 29/6, mensagem contendo número de celular ou o e-mail pelo qual pretende entrar no evento. O *link* será enviado no dia da assembleia

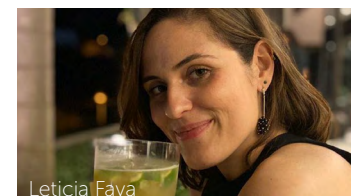
São Paulo-Interior

Leticia Fava morre aos 28 anos, vítima de coronavírus

■ Faleceu em 20/6, aos 28 anos, vítima de coronavírus, **Leticia Neworal Fava**. Formada em Jornalismo pela Universida-

de Mackenzie, ela morava em Jundiaí, onde há quatro anos era analista de Comunicação da Universidade do Futebol. O

corpo foi enterrado no cemitério Nossa Senhora do Desterro, naquela cidade.



Leticia Fava



amil

XP inc.



SAMSUNG

UFRJ divulga produção de pensadores das Ciências Sociais sobre Covid-19

■ **Pedro Barreto**, na UFRJ, iniciou a distribuição externa de uma *newsletter* produzida por ele e que antes circulava apenas internamente, em lista de transmissão por WhatsApp e Telegram. Contém notícias do Setor de Comunicação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da universidade e agora a publicação está em canais públicos, como [site](#) e as redes [Twitter](#), [Instagram](#) e [Facebook](#) – neste último, o mais acessado, são mais de três mil seguidores.

► O noticiário reúne informações sobre o que a UFRJ chama de área do saber, composta por oito unidades: ECO, a Escola de Comunicação; Colégio de Aplicação e Escola de Educação Infantil; Serviço Social; Educação; Filosofia e Ciências Sociais; História; Psicologia; e Políticas Públicas em Direitos Humanos. Publica entrevistas, artigos e reflexões

produzidos por professores e pesquisadores da UFRJ sobre a Covid-19 à luz de suas respectivas áreas do conhecimento. Interessa também dar visibilidade à pesquisa e às reflexões sobre a pandemia, já que as ciências humanas são hoje tão atacadas, além de mostrar que é uma universidade pública que produz esse tipo de conhecimento.

► Formado em Jornalismo, há 12 anos na UFRJ, Barreto começou esse trabalho mapeando as unidades de comunicação insti-

tucional e divulgação científica a que poderia recorrer como fontes de notícias. Procurou, depois, alinhar os comunicados institucionais com a divulgação do ensino e pesquisa das oito unidades. Quando tinha circulação interna, o boletim era dirigido a professores, estudantes, servidores técnicos e administrativos que buscavam informações sobre o funcionamento da unidade. Atualmente, como trabalha sozinho, Barreto não atende à demanda da mídia,

como os pedidos de textos e entrevistas com especialistas durante a Covid-19. Para isso, atua em parceria com a Coordenação de Comunicação da Reitoria.

► Quando fez sua pós-graduação, na mesma UFRJ, foi aluno de **Muniz Sodré** e já conhecia um pouco da obra dele. Entrevistou-o dez dias antes de ele se internar, contaminado pelo coronavírus, mas aguardou a volta do professor para [publicar a conversa](#).

► Com a pandemia, houve, na UFRJ, um esforço para produzir material com reflexões sobre Covid-19 e as pesquisas dos professores. Interessa dar visibilidade a essa produção, já que as ciências humanas são hoje tão atacadas, além de mostrar que é uma universidade pública que produz esse tipo de conhecimento. Os contatos de Barreto são ppbarreto@gmail.com e 21-993-671-136.



Pedro Barreto



Muniz Sodré

Vaivém-RJ

Ermelinda Rita deixa o SGR

■ **Ermelinda Rita** deixou o Sistema Globo de Rádio no início do mês. Ela estava na casa desde 1987, e era a última da redação do Rio que fez parte da equipe

fundadora da CBN, em 1991. Uma das repórteres de rádio mais conhecidas na cidade, formou gerações de repórteres, entre eles **Julio Lubianco**, ex-CBN,

Mariana Gross e a **Ana Paula Araújo**, da TV Globo. Ermelinda é também professora no Jornalismo da PUC-Rio.



Ermelinda Rita

Comunicação Corporativa-RJ

Dani Marinho está na agência Player Um

■ **Danielle Marinho Pavão** é a nova gerente de Comunicação da agência Player Um, de plataformas interativas, aplicativos e games. Jornalista e RP, formada

pela PUC-Rio, passou pela In Press Porter Novelli, no Rio e em São Paulo, e pela organização dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Danielle morou no Canadá e lá fez cursos de Comunicação de Marketing. Durante os Jogos Pan-Americanos de Toronto, foi correspondente da Discover Brasil Magazine, e trabalhou depois na Maple Leaf Sports & Entertainment. O novo contato dela é dani@playerum.com.br.

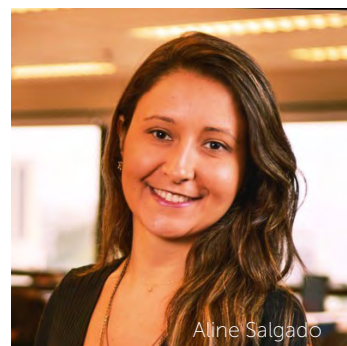
período atuou no gerenciamento das redes sociais da Shell, no projeto *Shell Rio* e na produção de sinopse diária com notícias da marca e do setor. Aline começou a carreira como repórter no jornal O Dia e depois passou pela Re-

vista de História da Biblioteca Nacional e jornal Brasil Econômico.

■ **Marina Milhazes**, coordenadora de imprensa na Approach, onde está há pouco mais de três anos, entrou em licença-maternidade e permanecerá afastada até novembro deste ano.

E mais...

■ **Aline Salgado**, analista de comunicação, deixou a Edelman agora em junho, após pouco mais de dois anos de casa. Nesse



Aline Salgado



Marina Milhazes



Dani Marinho

Rio de Janeiro



SAMSUNG

amil

Curtas-RJ

Bienal do Livro adianta o conteúdo da próxima edição

■ A organização da *Bienal Internacional do Livro* no Rio – que ocorreu no ano passado e volta em 2021 – resolveu antecipar algumas atrações, na esteira das *lives*. A página no [Instagram](#) tem eventos como o *Café literário*,

que discute temas em pauta, tendo o livro como fio condutor. Há espaço para compra de livros, participação em palestras e produtos personalizados. A notícia é de **Felipe Lucena**, no *Diário do Rio*.



Ike Yagelovic

■ **Ike Yagelovic** informou em suas redes sociais que está deixando a rádio BandNews em Belo Horizonte, em que foi diretor de Jornalismo nos últimos anos. Ele disse que está pronto para novos desafios na carreira e agradeceu à equipe da emissora e o carinho dos ouvintes.

■ **Natália Macedo** iniciou um projeto de jornalismo digital – o portal [Mulher Conectada](#) – focado em questões relacionadas ao cotidiano feminino, como

moda, beleza, relacionamentos, decoração e saúde. O portal já apresenta matérias com dicas de moda, filmes, meditação e cuidados com o corpo.



Registro-MG – ■ **Tancredo Antonio Naves** faleceu em 13/6, aos 83 anos, vítima de um AVC. Também advogado, atuou no Departamento de Esportes da Rádio Itatiaia e foi diretor de Jornalismo da emissora. Em 2015, assumiu a Presidência da Rádio Inconfidência, ficando por um ano. Foi ainda presidente da Administração de Estádios de Minas Gerais (Ademg), dirigiu o Centro Administrativo de Defesa Econômica e ocupou uma cadeira



Tancredo Antonio Naves

da Assembleia Legislativa entre 1987 e 1991, como deputado constituinte eleito pelo PMDB. Posteriormente, foi secretário estadual de Esportes, Lazer e Turismo.

Curtas-MG

■ A nova diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais promoveu em 17/6 uma cerimônia virtual de posse para a gestão 2020-2023. Em razão da pandemia do novo

coronavírus, não houve evento presencial, mas a solenidade pôde ser acompanhada pelo Facebook. Na *live*, a presidente **Alessandra Mello** e a vice-presidente **Lina Rocha** falaram sobre as ações recentes do Sindicato e apresentaram as propostas para o próximo triênio. Quem não conseguiu acompanhar a transmissão ao vivo pode acessar a gravação no [link](#).

■ A Rede Minas reinventou-se diante da pandemia, com a

equipe produzindo o conteúdo a partir de casa. Os programas *Alto Falante*, *Coletânea*, *Agenda*, *Retratos da Dança* e *Cinematógrafo* já vinham sendo feitos dessa forma e desde essa terça (23/6) a grade conta também com o retorno de *Brasil das Gerais* e *Opinião Minas*. Assim, os programas estão ainda mais próximos do público, que pode conhecer de perto a identidade da casa de cada um

(*) Com a colaboração de [Admilson Resende](#) (aresende@zoomcomunicacao.com.br – 31- 8494-9605), da Zoom Comunicação (31-2511-3111 / 8111)

Conflito de gerações

Por Plínio Vicente (pvsilva42@gmail.com), especial para J&Cia

Joyce, o corpo de mulher bem amorenado explodindo no vestido de menina, sempre sonhara em seguir os passos das amigas e igualmente traçar seu destino em direção ao futuro percorrendo a estrada pontilhada pelo namoro, noivado e o casamento com alguém com quem fosse feliz

para sempre. Mas homem para casamento mesmo havia quase nenhum e o que lhe sobrou foi Raul, um cinquentão que parecia viver ainda no século passado. Tinha virtudes: trabalhador, não fumava nem bebia. Enfim, a menina decidiu arriscar. Convidada para um encontro, foram a uma

sorveteria. Mas quando ele sugeriu o pedido ela saiu, gritando: "Racista! Racista!". A jovem não sabia que "vaca-preta" era apenas sorvete com Coca-Cola...

Vaca-preta – [De vaca + o f. do adj. preto (ê)] – Substantivo feminino – 1. Bras. Mistura de sorvete com coca-cola. [Pl.: vacas-pretas.] (Aurélio).



(*) Plínio Vicente é editor de Opinião, Economia e Mundo do diário Roraima em tempo, em Boa Vista, para onde se mudou em 1984. Foi chefe de Reportagem do Estadão e dedica-se a ensinar aos focas a arte de escrever histórias em apenas 700 caracteres, incluindo os espaços.



SAMSUNG

amil

Sul

Rio Grande do Sul (*)



■ Pelo menos seis profissionais foram desligados da redação do Jornal do Comércio em 19 de junho. Segundo o Coletiva.net, deixaram a casa a subeditora de Política Lívia Araújo, o fotógrafo **Marco Quintana**, o subeditor de Cultura **Daniel Sannes**, o diagramador **Juliano Bruni** e a revisora **Rafaela Milara**, além de **Gilberto Cesar Rodrigues**, do arquivo de fotos.

■ **Marcos Matos** estreou em 22/6 no *Jornal do Almoço*, da RBS TV, como apresentador do quadro da previsão do tempo. O espaço foi reformulado, ampliando a interatividade das informações.

■ A TV Pampa ganhou, também em 22/6, o reforço de **Fernanda Schiavo**, que retorna à emissora para apresentar o *Jornal da Pampa*, ao lado de **Ali Klemm**. O noticiário é transmitido ao vivo,

(*) Com o portal Coletiva.Net

de segunda a sexta-feira, a partir das 18h55.

Curtas-RS

■ O Sindicato dos Jornalistas do RS abriu uma nova turma de seu curso de *Edição Audiovisual com Adobe Premiere Pro CC 2018*. O curso será de 20 a 30/7 e as inscrições ficam abertas até 17/7 pelo secretaria@jornalistasrs.org. Mais informações no [site do Sindjors](http://site.do.Sindjors).

■ O podcast *Coletiva Tendências está de volta*, agora com a parceria da Padrinho Conteúdo. A produção e comando do programa continua aos cuidados de **Patricia Lapuente**, coordenadora de Comunicação do portal.

■ **Paulo de Tarso Pereira**, diretor do jornal *Em Questão*, de Alegrete, e o repórter **Alex Stanrlei** foram agredidos e algemados pela polícia enquanto cobriam

um roubo na fazenda do Exército. Segundo nota emitida pela publicação, as agressões ocorreram depois que Alex começou a transmitir ao vivo a situação pelas redes sociais, após ser impedido pelos policiais de filmar o que estava acontecendo. O jornal afirmou que Paulo chegou a ser asfixiado por um dos agentes.

► A Associação do Jornais do Interior do Rio Grande do Sul (Adjori-RS), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Associação Riograndense de Imprensa (ARI) solidarizaram-se com os jornalistas e repudiaram o ocorrido. A ABI escreveu que "os jornalistas não são marginais, nem vagabundos e não foram autuados em flagrante delito, estavam simplesmente cobrindo uma pauta jornalística, como fazem todos os dias em todo o planeta".

Registro-RS – ■ Faleceu em

20/6, aos 79 anos, **Júlio Mariani**. Ele foi internado às pressas no Hospital da PUC, em Porto Alegre, no último dia 7 e acabou não resistindo. A primeira possibilidade foi Covid-19, mas os testes deram negativo. Mariani teve uma infecção generalizada, provavelmente decorrente de uma pneumonia. A situação agravou-se porque a bactéria era resistente ao antibiótico e ele já estava enfraquecido pelo tratamento de câncer na próstata, realizado no último ano.

► Aposentado desde 2002, foi repórter, fotógrafo, diagramador, editor e articulista. Teve passagens pelas redações de Zero Hora, Correio do Povo, Folha da Tarde, Folha da Manhã, Jornal do Brasil, Editora Abril, rádios Difusora e Farroupilha, além das TVs Piratini e Gaúcha. Deixa dois filhos e a esposa Elisabeth Mariani.

Nordeste

Ceará (*)



■ **Erivaldo Carvalho** é o novo colunista político do jornal *O Otimista*.

■ Programas de esporte da rádio O Povo CBN voltaram após a quarentena.

■ **Joanna Cruz** vem comandando as *lives* da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Econômico do Ceará.

■ O Sindicato dos Radialistas e Publicitários do Ceará voltou a atender presencialmente em sua sede em Fortaleza.

■ Adeus ao radialista **Oswaldo Avelino**, de Sobral, mais uma vítima da Covid-19 no Ceará. Avelino trabalhou nas rádios Tupinambá e Educadora por 40 anos.

■ A Dégagé, de olho nas mudan-

ças pelas quais vêm passando a comunicação nesses tempos de pandemia de Covid-19, intensificou a gravação de vídeos e áudios dos clientes para divulgar na mídia, mantendo a estratégia de dar visibilidade aos assessoreados, já que o isolamento social tornou-se prolongado. A agência também elaborou planos de

comunicação, envolvendo *lives* nas redes sociais. Nessas transmissões ao vivo, os assessoreados puderam interagir, tirar dúvidas e debater assuntos de interesse ao público em geral e também aos públicos específicos da área de atuação de cada um.

(*) Colaboração de Lauriberto Braga (lauribertobraga@gmail.com e 85-991-393-235), com Rendah Mkt&Com (contato@rendah.com.br e 85-3231-4239).

#FIQUE EM CASA

Centro-Oeste

Jornal de Brasília traz de volta o folhetim

Outro lugar na solidão vem com romance contado em capítulos em tempos de pandemia.

■ O jornal de Brasília começou a publicar em 17/6 o primeiro capítulo de *Outro lugar na solidão*, produzido pelos escritores **Marcos Linhares, Adriana Kortlandt e Marcelo Capucci**. Trata-se do primeiro folhetim e do quarto trabalho dos três, que criaram a Calidt Literária – um escritório de produção textual para

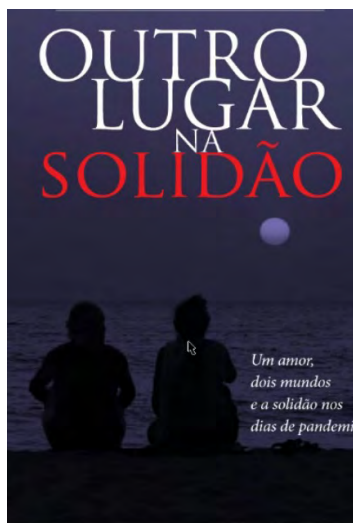
criação coletiva de obras para TV, cinema, *streaming* e impresso. O JBr embarcou nessa história e está publicando dois capítulos do folhetim por semana, às terças e

quintas feiras. Serão cerca de 20 capítulos, tanto na versão impressa quanto no portal.

► **Rudolfo Lago**, editor-chefe do jornal, não esconde o entusiasmo com o projeto: “Em março de 1844, foi publicado nas páginas do jornal francês *Le Siècle* o primeiro capítulo de um dos grandes clássicos da literatura universal, *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas. Tinha todos os elementos de uma boa novela, como as que hoje assistimos na TV, porque era um folhetim. Um gênero literário que pode ser considerado o avô da telenovela, pai da radionovela (...). A história contada pelo JBr não coloca Linhares, Kortlandt e Capucci somente do lado de A. Dumas. Outros grandes nomes da literatura também publicaram obras

nesse formato. Foi como folhetim que foi publicado, por exemplo, *Quincas Borba*, de Machado de Assis. Ou, mais recentemente, *Asfalto selvagem – Engraçadinha, seus amores e seus pecados*, de Nelson Rodrigues”.

► Linhares conta que a ideia de criar o folhetim veio com a chegada do coronavírus: “Resolvemos escrever um romance ambientado nessa turbulência, mas não queríamos que fosse um diário da tragédia, queríamos uma história de amor entre dois médicos com 64 anos, ainda na ativa, na linha de frente de hospitais de suas cidades, e tudo isso acontecendo ao mesmo tempo”; Também jornalista, ele conta que a renda obtida com o e-book será revertida em cestas básicas e fraldas geriátricas.



Marcos, Adriana e Marcelo

E mais...

■ O Sindicato dos Jornalistas e a Fenaj repudiaram na semana passada a postura adotada pelo governador do DF, Ibaneis Rocha, que interrompeu, em 16/6, uma entrevista e tomou o celular de uma repórter da Folha de S.Paulo, ao ser questionado sobre o comportamento do presidente Bolsonaro, que tem comparecido sem máscara às manifestações em seu favor, contrariando decreto distrital. Pouco depois, Ibaneis devolveu o celular, pediu desculpas à repórter e retomou a entrevista.

► “Não aceitaremos tais atos e continuaremos firmes na defesa dos jornalistas, do jornalismo e da democracia”, diz a nota da

entidade. Nesse sentido, no início deste mês, o Sindicato chegou a enviar um ofício para o próprio governador solicitando reforço, por parte da Polícia Militar e da Polícia Civil, na segurança dos jornalistas e na investigação de agressores, e criticou a permissão dada pelo GDF para atos antidemocráticos na Esplanada dos Ministérios, que não respeitavam a distância de segurança sanitária e a obrigatoriedade do uso da máscara.

■ Depois de receber a informação de que um repórter cinematográfico e uma repórter teriam testado positivo para a Covid-19, o Sindicato dos Jornalistas do DF solicitou à EBC na semana passada informações sobre como a empresa estaria prestando

assistência para esses profissionais e as providências tomadas para a testagem, monitoramento e *home office* dos demais empregados que estiveram no mesmo local de trabalho, independentemente da necessária higienização. A entidade também lembrou a importância de manter todos os casos confirmados e suspeitos afastados da sede da empresa até que seja possível realizar a testagem. Ainda não há informações sobre a resposta da empresa.

Comunicação Corporativa-DF

■ O recém-criado Ministério das Comunicações ainda está montando a equipe de assessoria, assim como a sua própria página na internet. Por enquanto, quem

atende às demandas da imprensa é a assessora especial do ministro Fábio Farias **Bruna Andrade** (bruna.almeida@mctic.gov.br e 61-2027-6086).

■ **Paula Azaar Mariosa**, ex-diretora do programa *Canal Livre*, da TV Bandeirantes, agora está à frente da Agência Uruk. Nesse posto, vem realizando *lives* para debater temas de interesse. Em 22/6, falou com o filósofo Luiz Felipe Pondé sobre *Amor e Ódio nas Redes Sociais*. Em 2/7, ela conversará com **Basília Rodrigues**, repórter e comentarista da CNN, sobre *O Racismo em Pleno Século 21 e as Mulheres na Política*. Será às 19h, no Instagram @agenciauruk.

Agenda-DF

Live Jornalismo e Democracia comemora o centenário de Carlos Castello Branco

■ O Sindicato dos Jornalistas do DF e a Associação Brasileira de Imprensa celebram nesta quinta-feira (25/6), na *live Jornalismo e Democracia*, os 100 anos do nascimento de **Carlos Castello Branco**. Castelinho foi presidente do Sindicato durante a ditadura

militar e chegou a ser preso após o AI-5. Começou a carreira nos Diários Associados, mas se tornou uma referência para o jornalismo político a partir de uma coluna publicada no Jornal do Brasil. Participarão do debate: **Hélio Doyle**, atualmente diretor

da ABL em Brasília, também presidente do Sindicato e é professor aposentado da UnB; **Armando Rollemberg**, ex-presidente da Fenaj e da OIJ, além de ter trabalhado com Castelinho no extinto Jornal do Brasil; e **Carlos Mateus da Costa Castello Branco**,

neto de Castelinho e professor da Secretaria de Educação. A mediação será de **Juliana César Nunes**, coordenadora-geral do Sindicato e mestra em Jornalismo pela UnB. Às 21h, pelo Facebook e YouTube do SJPDF e da ABL.



SAMSUNG

amil

Norte

Amazonas

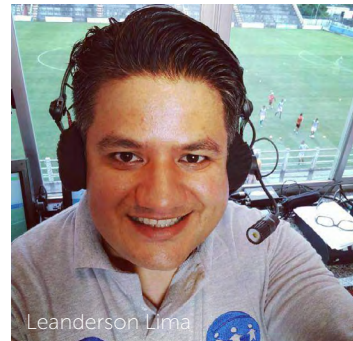


■ O Centro Acadêmico de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (Cajor) anunciou parceria com o memorial Inumeráveis, que publica histórias sobre as vítimas da Covid-19. Os estudantes de jornalismo e voluntários da universidade deverão realizar trabalhos sobre casos locais, uma vez que são mais de 2.600 mortes no Amazonas e o memorial conta com menos de 200 histórias amazonenses.

► A diretoria do Cajor disponibilizou um [formulário no Instagram](#) para recrutar alunos de jornalismo que estejam interessados em colaborar com o projeto e permanece, também, coletando informações que podem auxiliar na produção dessas histórias,

estando à disposição para quem deseja eternizar um conhecido ou familiar. Para isso, basta contactar a entidade pelo próprio [Instagram](#) ou pelo cajorufam@gmail.com.

■ O Manaus FC anunciou este mês a contratação de **Leanderson Lima** para assumir o recém-criado Departamento de Comu-



Leanderson Lima

nicação do clube. O anúncio foi feito pelo presidente Luis Mitos.

► "Leanderson Lima é um cara identificado com o futebol amazonense", disse Mitos. "Uma pessoa que também é querida por toda a imprensa esportiva, um cara que tem uma qualidade muito boa. Sempre atuou com muita isenção nos seus relatos, nos seus comentários, então é uma pessoa que cai como uma luva no Manaus, porque o Manaus é isso: é um time novo, um time transparente, um time verdadeiro e a gente ganha com isso um cara experiente".

► Com 39 anos de idade e 17 de carreira em jornais, portais, rádio e televisão, Leanderson participou das coberturas da Copa das Confederações (2013), Copa do

Mundo (2014) e da Olimpíada de 2016, no Rio de Janeiro.

■ O programa *Magazine* estreou na TV A Crítica, com apresentação de **Nathália Nascimento** e **Mickela Sevalho**. A direção é de **Erick Campos**. Vai ao ar de segunda a sexta, às 15 horas.



Erick Campos

(Com a colaboração de **Chris Reis**, da coluna Bastidores – chrisreis05@gmail.com)

Tocantins

■ **Elson Pereira Caldas**, pioneiro no Tocantins, morreu em 20/6, aos 61 anos, de câncer no intestino. Ele foi um dos primeiros fotojornalistas a atuar no estado e registrou momentos importantes da história do Tocantins. A notícia ganhou imediata repercussão. O governador do estado, Mauro Carlesse (DEM), emitiu nota de



Elson Caldas

pesar pelo falecimento, assim como o Sindicato dos Jornalistas do Tocantins. Caldas trabalhava na Secretaria de Comunicação como servidor efetivo desde 1994, mas antes disso já fazia registros do cotidiano do governo.

► Ele chegou ao estado em 1989 e na época foi morar em Miracema do Tocantins. Todos os dias deslocava-se até o canteiro de obras de Palmas para acompanhar o governador da época. Ele se aposentou em 2017, em decorrência da doença. Era conhecido entre os amigos pelo apelido de "Cachorrão", por ter uma personalidade forte e ser incisivo nas suas declarações.

Amazônia em imagens



Proteção – Foto de **Maycon Nunes** (Instagram: @nunesphoto), Santarém (PA), 2020

■ Sob comando de **Jairo Cario-ca**, o Governo do Estado do Acre, por meio da Secretaria de Educação Cultura e Esportes (SEE), lançou em 22/6 o programa *Escola em Casa*. Participaram em *live* o secretário de Educação Mauro Sérgio Cruz e a secretária de Comunicação **Silvânia Pinheiro**.

► O projeto consiste em manter

a Educação Básica gratuita com videoaulas, audioaulas e acesso à plataforma digital para alcançar todos os alunos do Acre durante o período da pandemia. O programa tem o apoio e suporte técnico da Secretaria de Comunicação e as aulas são produzidas por professores da rede estadual de ensino com conteúdo atu-

alizado e baseado no currículo único do Estado.

► Silvânia destacou a importância do programa e descreveu aquele como um dia de vitória: "É o resultado de muito esforço de todos que estão há meses trabalhando essas aulas. Um dos pontos chave que faz a gente ter muita honra e alegria em traba-

lhar é a autonomia e a confiança que o governador tem na equipe dele".

► As aulas serão transmitidas pelo canal Amazon Sat e pelas rádios Aldeia e Difusora Acreana, além da plataforma educ.see.ac.gov.br, com o objetivo de alcançar os estudantes nos locais mais longínquos do estado.

Acre



■ O *Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia* precisou se reconfigurar diante da realidade do coronavírus. Com inscrições online, a seleção dos trabalhos foi realizada. Os dois júris trabalharam nos últimos dias em reuniões virtuais para definir os escolhidos entre os 414 dossiês enviados.

► “A seleção deste ano foi muito peculiar e surpreendente”, disse **Rosely Nakagawa**, que este ano é curadora convidada da mostra. “A primeira surpresa foi o número de inscritos. Por conta da pandemia eu esperava menos traba-

lhos. Mas o número foi a média dos últimos prêmios. A segunda surpresa foi a qualidade dos trabalhos e a abrangência nacional dos inscritos. O processo de seleção, graças à tecnologia não foi difícil”.

► “O ato de se prosseguir com a realização do prêmio este ano é um ato de resistência e de valorização da arte e dos artistas”, argumentou o fotógrafo **Luiz Braga**. “O conjunto de trabalhos escolhidos é uma teia que reforça o papel da arte em trazer esperança ao mundo”.

► O prêmio é uma realização do Diário do Pará com apoio institucional do Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, do Sistema Integrado de Museus, SECULT e do Museu da UFPA. [Confira o resultado da seleção.](#)

■ Entra no ar em fase experimental o *podcast* do Holofote Virtual, de **Luciana Medeiros**, blog que ela criou em 2008 para veicular reportagens, entrevistas e informações sobre o cenário cultural paraense. Luciana diz estar “ciente de ajustes necessários, mas não queríamos mais espe-

rar. Por isso, eu e **Carlos Canhão Brito** resolvemos encerrar e dar o pontapé inicial”.

► Luciana diz que ideia é publicar um novo programa em cada quinze dias, com apresentação dela. O primeiro traz uma [entrevista com o multiartista e professor José Arnaud](#): “Agradeço ao Arnaud e já planejo o próximo programa, que será em julho. Vamos divulgando as novidades nas redes sociais @ *holofote_virtual*, no Instagram, onde compartilho estes e outros conteúdos”.

■ Faleceu no último fim de semana em Porto Velho, vítima da Covid-19, aos 64 anos, **Wilson Souza**, assessor da Câmara de Vereadores e da Associação Tiradentes. Em nota pública, o Comando-Geral da Polícia Militar lamentou o falecimento do jornalista. Segundo a corporação, Wilson conquistou vários amigos em sua trajetória no jornalismo rondoniense e em 2018

chegou a receber o diploma de *Amigo da PM*.



Wilson Souza

► Também em nota, a Presidência da Câmara destacou que Wilson sempre trabalhou com caráter sério e dedicado.

■ A Universidade de Rondônia promoveu nesta quarta-feira (24/6) *live* sobre transparência de informação pública em democracias, um dos preceitos que regem os regimes democráticos; por isso, os países com as democracias mais consolidadas

tendem a não esconder dados dos seus cidadãos.

► **Vinicius Miguel**, professor da UNIR e doutor em Ciência Política, foi o convidado do *MiDiCast*. A *live* foi no [canal do YouTube do MiDi](#), o Grupo de Pesquisa em Mídias Digitais e Internet da UNIR. A conversa, sobre *Democracia, informação e transparência*, ficará acessível na plataforma de vídeos, em agregadores de *podcasts* e no site www.midi.unir.br.



1º Prêmio de Jornalismo Inclusivo

Tema:

Todxs Nós

Linguagem viva e inclusiva

Inscrições abertas



SAMSUNG

amil

Projeto ajudará jornalistas a usarem melhor as ferramentas digitais

■ O Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro (ITS Rio) e o projeto *Redes Cordiais* uniram-se para criar a iniciativa *Da rede social à rede de apoio: ciber-resiliência para jornalistas*. A proposta é capacitar profissionais de imprensa a utilizarem melhor as ferramentas digitais da atualidade, como mídias sociais, e a tecnologia avançada nas redações. O projeto oferece cursos e aulas online, manuais digitais e uma rede de apoio para jornalistas.

► Apoiada pelo Facebook Journalism Project, a iniciativa fará ações concentradas nos meses que antecedem as eleições municipais de 2020, e deve atingir ao menos mil profissionais, com o intuito de reduzir a vulnerabili-

dade digital, e melhorar a capacidade institucional de veículos que atuarão na cobertura eleitoral.

► **Fabro Steibel**, diretor executivo

do ITS Rio, afirmou que "a proteção do jornalista é uma forma de a gente proteger a produção de informação de qualidade. Não

tem como combater a desinformação sem promover quem traz informação segura, com metodologia e institucionalidade".

► A primeira aula do projeto será em 14 de julho. [Inscreva-se!](#)



E mais...

■ A JeffreyGroup, em parceria com seus clientes, realizou em 17/6, um *webinar* para discutir o futuro do trabalho e seu impacto na cultura e engajamento. **Danilo Maeda**, diretor e líder de Impacto Social e Sustentabilidade da agência, mediou a conversa, que contou com as participações de **Fabiana Cymrot**, vice-presidente de Recursos Humanos da Mastercard; **Júlio César Emmer**, diretor executivo de Gente da Algar Tech; e **Leticia Ribeiro de Figueiredo**,

sócia e líder da Área Trabalhista do Trench Rossi e Watanabe. O conteúdo está disponível no [YouTube](#).

■ O Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento (CEBDS), com apoio da Aberje, lançou o *Guia de Comunicação e Sustentabilidade*. O projeto, que teve edição de **Tatiana Maia Lins** (tmajalins@makemake.com.br), conta com um capítulo especial para Jornalistas, com dicas de como ampliar a cobertura e inserir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU nas mais diversas editoriais.

■ O coletivo AzMina criou o portal *Elas no Congresso*, que monitora a atuação parlamentar no que se refere aos direitos das mulheres. O site elabora um *ranking* de deputados e senadores, mostrando quais políticos e partidos estão agindo positivamente e negativamente pela causa.

► Quinze organizações que trabalham com direitos das mulheres julgaram cerca de 331 projetos sobre o tema criados em 2019 por parlamentares. Elas avaliaram se os projetos eram favoráveis

ou desfavoráveis, e relevantes ou irrelevantes. Com base nesse critério, cada projeto de lei (PL) e cada parlamentar recebeu uma pontuação.

► O portal disponibiliza os dados completos, incluindo os critérios de pontuação. Eles podem ser baixados por qualquer um. [Confira!](#)

■ A Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje) realiza o *Programa Avançado em Diversidade nas Organizações*, com diversas aulas que oferecem as técnicas e competências necessárias para abordar temas como inclusão e diversidade em empresas. O programa, coordenado **Ricardo Sales**, durará cerca de 60 horas no total, com aulas às segundas e quartas-feiras, das 19h30 às 21h30, de julho a outubro. [Inscreva-se!](#)

■ Alunos de jornalismo das unidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre da ESPM realizaram uma edição especial de um telejornal universitário. O *ESPM no Ar* foi produzido remotamente e envolveu cerca de 40

alunos das três unidades. O trabalho contou com entradas ao vivo de repórteres e um intervalo com propagandas elaboradas por alunos do curso de Publicidade e Propaganda. Os responsáveis pelo projeto foram os professores **Heidy Vargas**, **Pedro Curi** e **Leandro Olegário**. [Assista ao telejornal na íntegra.](#)

■ A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), em parceria com o Facebook Journalism Project, relança o curso *Jornalismo Local Sustentável*, destinado a profissionais que trabalhem em meios de comunicação de abrangência local ou que tenham projetos para empreender nesse setor. O curso, gratuito, será o mesmo de 2019, com conteúdo igual à edição anterior, que teve 3,5 mil inscritos.

► As aulas são divididas em quatro módulos: *Jornalismo local de qualidade*, *Territórios e comunidades*, *Ferramentas digitais para jornalista* e *Jornalismo economicamente sustentável*. As [inscrições](#) vão até 30/6 e são limitadas a até 1,5 mil participantes.



Siga nossas redes sociais:

[/jornalistasecia](#)

[/portaldosjornalistas](#)

[/jornalistasecia](#)

[/portal-dos-jornalistas](#)

David Grinberg relata em livro motivação e resiliência na luta contra um câncer

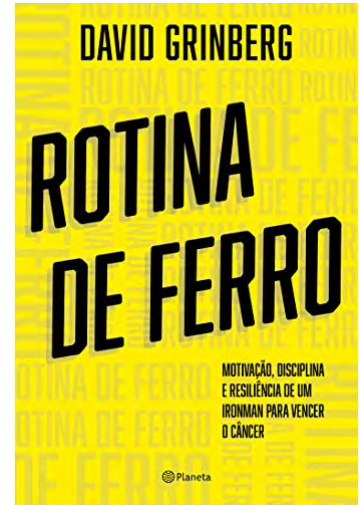
■ Já está à venda, em formato exclusivo para e-books, o livro *Rotina de Ferro* (Planeta). Nele, **David Grinberg**, vice-presidente de Comunicação Corporativa

da Arcos Dorados, empresa que opera a marca McDonald's em 20 países da América Latina e Caribe, aborda como a motivação, disciplina e resiliência de um atleta de Ironman estão sendo importantes na luta contra o câncer.

► Em 2018, aos 39 anos, poucos dias depois de participar do maior desafio esportivo da vida, uma prova completa de Ironman, o executivo recebeu o diagnóstico de linfoma, um tipo de câncer que afeta os linfócitos. Em *Rotina de Ferro*, ele narra sua história

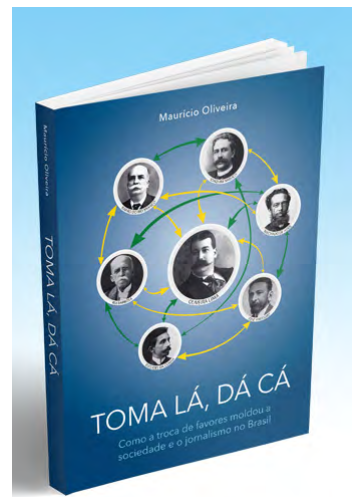
desde antes da descoberta da doença, passando pelo tratamento, enquanto aborda como encarou a adversidade – um desafio no qual a meta era alcançar a cura e retomar a vida familiar, profissional e esportiva –, além de compartilhar reflexões e aprendizados ao longo desse processo.

► O valor de lançamento de *Rotina de Ferro*, na [Amazon](#), é de R\$ 17,91, e os direitos autorais serão revertidos para a Associação Brasileira de Linfoma e Leucemia.



E mais...

■ **Maurício Oliveira** lançou o e-book *Toma lá, dá cá – Como a troca de favores moldou a sociedade e o jornalismo no Brasil* (Editora Ornitorrinco). O livro conta uma história de cerca de um século atrás, mas que diz muito sobre o Brasil atual. A obra é baseada na tese de doutorado em Jornalismo que Maurício defendeu em 2019 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este é o 19º livro dele. A obra está à venda na [Amazon](#) e custa R\$ 9,90. Metade do dinheiro arrecadado nas vendas será doado Central Única das Favelas (Cufa).



■ **Maurício Lara** ([mauriciolarauol.com.br](#)) está de volta aos livros, com a edição digital do inédito *Na Mesa*. Tudo a ver com o momento atual. A obra trata sobre três homens de 70 anos, amigos de adolescência, que se reencontram em tempos de isolamento social. Em torno de uma mesa, conversam sobre o lugar do velho na sociedade, revelam segredos e falam sobre a vida que cada um viveu. Há uma analogia com o clássico *Os Três Mosqueteiros*, tanto que os três personagens tratavam-se como Athos, Portos e Aramis, na juventude.



■ Com sua recente mudança para Portugal, o videomaker **Denis Armelini** assumiu o posto de correspondente na Europa do site *MinutoMotor*, parceiro de conteúdo do portal R7. A página

é coordenada por **Aldo Tizzani** ([aldo@minutomotor.com.br](#) e 11-981-607-949). "Também estou disponível para dar apoio aos jornalistas brasileiros que vierem para cá desenvolver algum tipo de cobertura/pauta em vídeo, ou para a produção de pautas sob demanda", explica Denis. Ele atende pelos [denis@minutomotor.com.br](#) e 11-981-587-816 (WhatsApp), além de seu novo número em Portugal: +351 21 913-744-368.

■ A Fundação LLYC lançou a sua nova web adaptada ao rebranding da LLYC e apresentou a sua Memória Anual que, como em ocasiões anteriores, e pelo terceiro ano consecutivo, foi concebida 100% para o Instagram.

Desta maneira, o design, tanto da Memória como da nova web, permite exibir, de forma atrativa e criativa, a atividade da Fundação LLYC durante 2019. No ano passado, quase 400 voluntários

dedicaram 2.236 horas do seu tempo a apoiar 21 entidades sociais diferentes, por meio de quatro projetos e de sete iniciativas que beneficiaram mais de 800 pessoas.



Denis Armelini





1º Prêmio de
**Jornalismo
Inclusivo**

Ainda estamos na era do trabalho de homem ou de mulher?

Uma das grandes lutas contemporâneas de nossa sociedade é baseada no preceito da igualdade entre os seres humanos. Essa incansável batalha é responsável direta, entre outros avanços, pelo fim de regimes segregacionistas, ou pela possibilidade de inserção de mulheres e homens em carreiras que antes eram dominadas por um único gênero.

Mas e a nossa linguagem, tem evoluído na mesma proporção?

Por que ainda hoje é tão comum vermos reportagens que se referem, enquanto grupo de classe, às enfermeiras e às empregadas domésticas no gênero feminino, e aos médicos aos encanadores no gênero masculino?

Na língua portuguesa, quando citamos um grupo de pessoas de diferentes gêneros, há a convenção de que a identificação seja feita no masculino plural; porém, a adoção do uso de vocabulário de gênero neutro traz justamente soluções para evitar abordagens sexistas ou preconceituosas.

Segundo o [Guia de Linguagem Inclusiva](#) lançado pela HBO com o apoio da consultoria especializada Diversity Bbox, é possível, e recomendado, por exemplo, utilizarmos termos como "corpo docente", "classe política" e "pessoal da enfermagem" no lugar de "os professores", "os políticos" e "as enfermeiras".

PJI – Em sua primeira edição, o *Prêmio de Jornalismo Inclusivo* reconhecerá reportagens que, independentemente do tema abordado, utilizem vocabulário de gênero neutro. Poderão concorrer trabalhos nas categorias *Impresso*, *Online*, *Áudio* (rádio e *podcasts*) e *Vídeo* (tevé e canais digitais). Mais informações e inscrições no <https://pji.portaldosjornalistas.com.br> ou escreva para pji@jornalistasecia.com.br.

Enfermeiras: as 'heroínas sem capa' que combatem o coronavírus no Brasil



Matéria traz no título "Enfermeiras" e destaca um profissional do sexo masculino no plano principal

"De tempos em tempos, a nossa linguagem modifica-se e se atualiza, levando-nos a refletir sobre o contexto no qual aspiramos viver e trabalhar", destaca **Pri Bertucci**, CEO da Diversity Bbox. "A comunicação é uma aliada na redefinição dos nossos sistemas de crenças dentro dos contextos sociais que incorporamos até agora – que não necessariamente representam a realidade. À medida que nos tornamos mais conscientes disso, abrimos espaço para novas percepções capazes de gerar transformações pessoais e coletivas".



MEMÓRIAS DA REDAÇÃO

Tem alguma história de redação interessante para contar?
Mande para baroncelli@jornalistasecia.com.br

■ A história desta semana é novamente uma colaboração de **Eduardo Brito** (edubrito.252525@gmail.com), editor executivo no Grupo JBr de Comunicação.

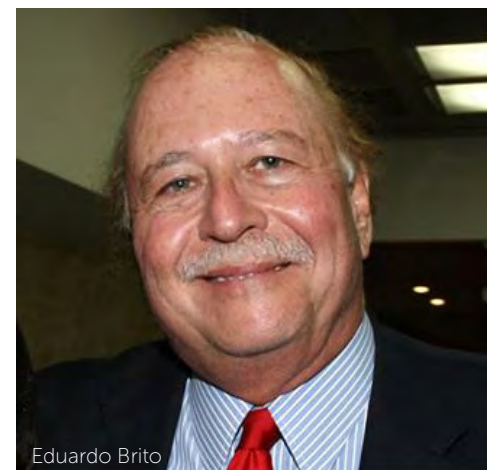
A TV-relâmpago do Jornal do Brasil

No seu período áureo, os gloriosos tempos da condessa Pereira Carneiro e de Nascimento Brito, o *Jornal do Brasil* teve duas chances de criar sua emissora de televisão. Era um sonho, mas o custo, tanto financeiro quanto político, parecia alto demais. Não deu certo. O *JB* só teria sua televisão quase quarenta anos depois, em 2007, quando o jornal e os ativos que restavam foram assumidos pelo empresário Nelson Tanure, com o nome de *Companhia Brasileira de Multimídia*.

A essa época, Tanure falava em lançar um novo jornal impresso, de circulação nacional, a partir de sua sede em

Brasília. Ficava em um andar do *Brasília Design Center*, em um belo espaço herdado da *Gazeta Mercantil*, também incorporada por Tanure na nova *CBM*. O objetivo do empresário, ao criar a *CBM*, era escapar do elevado passivo trabalhista deixado pelos antigos donos do *JB* e da *Gazeta*. Não conseguiu: na *Justiça do Trabalho*, perdia todas as ações. O novo veículo seria mais uma tentativa de escapar disso tudo.

O conjunto de salas, com ampla vista para o *Parque da Cidade*, fora redesenhado e comportava duas redações. A primeira reunia os repórteres das edições nacionais do



Eduardo Brito

JB e da *Gazeta*. A segunda abrigava o time da *Edição Brasília* do *JB*, que tinha faturamento garantido por conta de contratos locais, evidentemente com grande parcela de dinheiro público.

O projeto nacional teria, de início, a coordenação da jornalista **Belisa Ribeiro**, mas foi interrompido e, tempos depois, ressurgiu com o

SAMSUNG



XP inc.

amil

MEMÓRIAS DA REDAÇÃO

empresário Pedro Grossi, um insider governamental enviado por Tanure a Brasília para desatar nós pendentes – não só dos jornais, vistos pelo empresário como peanutz, mas de brigas de gente grande, como a Companhia Docas e a Oi, também controladas por ele.

Aparentemente do nada, Pedro Grossi comunicou à equipe, de repente, que uma rede nacional de TV começaria a funcionar ali. Quando? Já. Explicasse: após conversas privadas, Tanure acertara com Flávio Martinez, dono da Central Nacional de Televisão, a transferência de sua rede. Falava-se até em compra, mas não era bem isso. A CNT também tivera seus tempos

áureos, quando dirigida pelo deputado José Carlos Martinez, presidente nacional do PTB e um dos principais sustentáculos de Fernando Collor, então instalado no Planalto. Chegou a funcionar como rede nacional, a partir de Curitiba, em canais de sua propriedade e outros afiliados.

À queda de Collor seguiu-se a do avião particular que transportava o deputado e a programação se desfez. A CNT passou a alugar seu tempo para igrejas, produtores independentes e, principalmente, canais de vendas. O que Tanure e Flávio Martinez, irmão do falecido José Carlos, acertaram foi um arrendamento. O sinal da CNT foi cedido a Tanure, de início na faixa

horária a partir das 18h, diariamente. Ao que se informou, o custo seria de R\$ 3 milhões por mês, pagos no início do seguinte, com um de carência.

A redação de Brasília se transformou. De um dia para outro ficou superlotada. Até a contratação da TV, contava com apenas 22 funcionários: 12 da edição brasiliense, aí incluídos estagiários, cinco repórteres do JB e três da Gazeta, mais dois da administração. De repente, materializaram-se mais 60 pessoas, entre repórteres da TV, câmeras, contatos publicitários e até um diretor comercial que posava de mandachuva daquilo tudo. O âncora já contratado era **Boris Casoy**, que não iria a Brasília, mas conseguiu incorporar

antigos integrantes – todos excelentes profissionais – de sua equipe anterior.

A nova programação, já com o selo JB, estreou em abril de 2007. O telejornal, só uns meses mais tarde. A sede, no Rio de Janeiro, ficava em estúdios da própria CNT, mas havia sérios problemas com transmissões e sinal, o que contribuiu para manter

a emissora no traço durante a maior parte de sua curta vida. No entretenimento, Clodovil ficou algum tempo no ar, mas acabou demitido; Sérgio Mallandro, contratado, nem chegou a estrear. Arranjou-se até uma novela, de origem lusitana, Coração Navegador (O Segredo, no título original).

O forte mesmo era o jornalismo, apresentado por Boris Casoy a partir do Rio, com alguma produção local e a maior parte feita pela frenética equipe de Brasília. Havia ainda um talk show com **Augusto Nunes**. Mesmo com as dificuldades de sinal, era o jornalismo que garantia alguma repercussão à TV JB.

Tudo esbarrou, porém, no pagamento da locação. Passou-se o primeiro mês, o da carência. Quando se chegou ao terceiro, a CNT começou a reclamar de atraso. No quarto, falou em calote. Em agosto, Martinez desistiu do contrato e pediu judicialmente sua rescisão. No dia 6 de setembro desligou a tomada. A TV Jornal do Brasil simplesmente saiu no ar. A turma do jornalismo deixou a sucursal como chegou, num estalar de dedos.

O epílogo é conhecido. A edição brasiliense do Jornal do Brasil, assim como a sucursal JB-GZM na capital, desapareceu em dezembro de 2008. A edição nacional, com sede no Rio, resistiu até setembro de 2010.

No caso da TV foi pior para quem seguia a novela Coração Navegador. Nunca se soube como ela terminaria. Acabou ficando mesmo O Segredo.

